



OURO SANGRENTO

M. L. ESTEFANIA



Ouro Sangrento

M. L. Estefania

Rod era um caçador e gostava da solidão da montanha. A paz com os índios que viviam naquelas terras, apesar de ténue estava se mantendo. Mas a estrada de ferro e a corrida do ouro estavam trazendo a civilização para as montanhas, e nem sempre as pessoas que estavam povoando as cidades eram de boa índole. Mas Rod não queria se envolver com os problemas da cidade, vivia de vender suas peles e em total isolamento. Quando Rod tem sua casa roubada, ele é obrigado a deixar a montanha e ir atrás dos bandidos, envolvendo-se assim com foras da lei e intrigas. No caminho Rod salva Debora que estava se afogando no rio. Juntos eles vão para a cidade que os aguarda com muitos perigos e pessoas dispostas a prejudicar o caçador e a criar uma guerra com os índios por causa das terras.

Disponibilização: Luka

Digitalização: Marina

Revisora: Josiane

CAPÍTULO I

Os vales, planícies e montanhas ainda continuavam cobertos de neve, mas o degelo começara dias antes, tornando-se um perigo o reflexo do sol naquela imaculada brancura.

Era em tais condições que acontecia a "cegueira da neve", sempre catastrófica, principalmente em terrenos acidentados e quando se estava sozinho, como era o caso de Rod Werther, caçador solitário e insociável.

Preparava as peles já secas, dentro de sua ampla cabana construída por alguém que não conhecera, e aumentada por ele a fim de ter, durante os meses de frio intensíssimo, com várias polegadas de neve sobre o solo, seus cavalos que juntamente com o fogo, davam uma agradável temperatura à cabana.

A edificação constava de dois corpos, comunicados por uma porta que Rod geralmente conservava aberta.

Durante a época propícia, Rod armazenava provisões para os animais, quando chegasse o inverno.

Algumas de suas melhores peles eram transformadas em pesados sacos de cereais, cultivados pelos colonos que haviam dominado as extensas e desesperantes planícies, provenientes de Wisconsin, Michigan e Illinois.

As planícies, pouco a pouco cobriram-se de ranchos e granjas.

Apesar de muito distante, Rod observava o aumento do gado postado no cume da montanha em que vivia.

Este avanço do progresso aproximava-se de seu refúgio, permitindo-lhe colher mais peles, já que os animais sentiam-se impelidos por essa invasão da civilização às paragens mais solitárias.

Os laços e armadilhas de Rod capturavam peças com rapidez.

Para um conhecedor dos hábitos dos animais como ele, a neve e o gelo facilitavam seu trabalho.

O inverno que se despedia, fora produtivo para Rod.

Tinha, empilhadas e no secadouro a maior quantidade de peles que conseguira até então e enquanto cantarolava uma canção, acondicionando-as com sua característica habilidade, ia calculando a quantidade de dólares que receberia por essa remessa que sem dúvida, era a mais importante que já fizera.

Podia dar-se ao luxo de selecionar as peles, levando em sua canoa apenas as mais valorizadas. As restantes deixaria para posteriores expedições.

Na primavera encomendara ao feitor de Chinook uma partida de livros, os quais já ha-

viam chegado. Para apanhá-los, deveria pagar uma bela quantia de dólares.

Preparou os fardos de peles calmamente.

Não poderia levar o cavalo a o qual se sentia tão habituado. Após domá-lo com lentidão e esforço, o animal terminara afeiçãoando-se a ele.

Para montá-lo, teria de esperar mais um mês, e não tinha paciência para tanto.

Contudo, refletindo nas dificuldades representadas pela volta em canoa, lutando contra a corrente do degelo, ficou indeciso alguns minutos enquanto amarrava as peles conscienciosamente.

Parou a operação e sentou-se à porta da cabana, preocupado.

A indecisão aumentava.

Bateu com o cachimbo na sola do sapato e encheu-o de tabaco, aspirando a fumaça com deleite.

A cada tragada, seu rosto desaparecia em meio à intensa fumarada.

A brisa fria que pairava sobre os montes nevados ainda estava bem gelada, mas logo o sol faria sua tarefa demolidora.

Ficou assim muito tempo, durante o qual carregou o cachimbo mais três vezes.

Recostou-se de modo indolente. Rodeou um joelho com as duas mãos e chegou à conclusão de que seria melhor esperar o degelo e partir com os cavalos.

Se a espera o enfadava, era apenas porque então a feitoria estaria mais concorrida e não tinha temperamento sociável...

Havia muito tempo, abominava a convivência, com os outros homens e quando alguém o encontrava na feitoria, não conseguia extrair-lhe nada mais além dos grunhidos que emitia a guisa de cumprimento.

Uma vez feito isso, recolhia os livros encomendados e mergulhava neles, sem ouvir mais nada.

Os outros caçadores, granjeiros e proprietários de ranchos das proximidades de Chinook apelidaram-no de Rod, "o Taciturno".

Sua maneira de ser não era crime algum, mas o xerife não o estimava, assegurando a todos que certamente seria algum fugitivo da justiça que procurara refúgio nas montanhas de neves perpétuas.

O feitor, homem de certa idade, afirmava que no Canadá conhecera muitos outros Rod, mas isto não era suficiente para o xerife.

Sempre que avistava Rod no povoado, fato que sucedia duas vezes ao ano, perguntava-lhe a mesma coisa e recebia as mesmas respostas que das vezes anteriores.

Isso deixava o xerife furioso, já que não podia acusá-lo de nada, pelas leis do território.

As leis foram modificadas desde 1864, quando Montana foi elevado a território, tendo Bannack como capital. Mais tarde passou para

Virgínia City e finalmente, em 1874, ficou sendo Helena a capital definitiva.

Para prender um homem, precisava de provas quanto à acusação feita.

Primeiro as peles e depois o ouro, começaram a atrair muitos pioneiros a Montana.

Após seus fracassos como garimpeiros, alguns deles iniciaram uma agricultura que aumentou com certa rapidez, bem como a criação de gado, facilitada pela abundância de pastos.

Para isso, muito serviram os primeiros trilhos que atravessaram Montana em 1880 e, em 1883, a Great North Pacific começou a absorver os caçadores que, em sua vida errante pelas paragens mais selvagens, se deparavam com minas e jazidas não encontradas pelos pesquisadores.

A ambição foi a grande alavanca que impulsionou a colonização de todo o Oeste, mas Rod não figurava nessa relação, já que nada tinha de ambicioso.

Com o advento da estrada de ferro, Chino-ok e sua população cada vez progrediam mais.

Era o local de embarque para o gado de muitos ranchos, principalmente lanígeros, animais que melhor sobreviviam na acidentada geografia daqueles terrenos.

A feitoria fora, até bem pouco, o único ponto de reunião onde se divertiam os cidadãos, mas foi anulada pela criação de vários bares e um "saloon" que, com suas atrações características, esvaziavam os bolsos dos vendedores de gado e cereais.

Tal aumento de população tornava Rod ainda mais taciturno e selvagem.

Não abandonava a feitoria por mais que as sereias do "saloon" exibissem todos os seus truques, salientando sua beleza física quando ele passava, desprezando-as com o ar mais altaneiro do mundo e recebendo em troca até insultos das desprezadas.

Fumando, Rod pensava nesses fatos e sorria de modo especial.

A feitoria perdera seu caráter exclusivo que mantivera durante mais de meio século. Agora, qualquer armazém comprava peles a preços que os próprios caçadores nem sonhavam, obrigando a feitoria a seguir o ritmo marcado por eles.

Rod costumava refletir que isso provava o roubo a que estiveram submetidos todos os que passavam o ano caçando como ele e explicava a deserção dos fregueses, lamentada pelo feitor.

A importância dos boiadeiros tivera enorme desenvolvimento, incrementando assim as lutas entre eles e seus servidores.

A grande luta que assolou muitos estados e territórios do Oeste, entre rancheiros e agricultores, não cedera, mas em Montana pouco aconteceu, talvez porque frequentemente um mesmo rancho tivesse gado de todos os tipos e uma parte dedicada à agricultura, com o que conseguiam provisões para o inverno que era, além disso,

muito mais longo que nos outros territórios e Estados.

Rod chegara até sua cabana atual quando perseguia o cavalo que constituíra seu pesadelo por várias semanas, obrigando-o a caminhar centenas de quilômetros.

Não era ele o primeiro caçador que fizesse questão de honra agarrar o cavalo selvagem que zombava de seu perseguidor.

Em Verdade, na maioria das vezes, compreendiam que a caça não tinha mais valor que o atribuído ao triunfo, sendo comum que o potro laçado fosse inferior ao cavalo que o caçara.

Desde muito criança, Rod estava acostumado a montar e dizia que "Orson" como batizara o animal, em memória de um amigo morto na infância, era o melhor que já vira. Contudo, jamais tivera oportunidade de compará-lo a outro que também fosse rápido.

Apropriou-se daquela cabana e nos primeiros meses verificou que o lugar era excelente, já que as peças casadas eram enormes.

Estava tão desorientado que levou muito tempo para descobrir Chinook e sua feitoria, isso havia mais de dois anos.

A julgar pelos objetos ali encontrados, a cabana pertencera a algum mineiro.

Isso era uma questão que reputava muito estranha, já que sempre ouvira dizer que o objetivo principal dos faiscadores eram os rios e "canyons", mas nunca as montanhas.

A cabana dava a impressão de não ser habitada há muito. A poeira tomara conta de tudo, muito superior à cinza existente na lareira.

Nas duas últimas vezes que fora a Chinook observara que era seguido e, resolvido a não desvendar seu refúgio, levava seus perseguidores conscientemente em direção oposta, até cansá-los, para finalmente caminhar para sua guarida.

da, tomando como ponto de referencia a crista nevada da montanha.

A poucos metros de sua cabana, a neve durava o ano inteiro e a temperatura era muito baixa, mesmo quando durante o dia caia um sol abrasador no vale vizinho.

A fronteira com o Canadá ficava a poucos quilômetros de distância e em Chinook já vira algumas ligeiras embarcações de índios que viviam no país vizinho.

Os índios abundavam nessa comarca. Eram pacíficos e caçadores, sendo suas mulheres as mais belas de quantas vira e que não foram poucas.

Fumando e pensando, as horas passaram. A noite caiu e Rod preparou sua frugal ceia. A seguir, enfiou-se na cama e dormiu, com a tranquilidade costumeira.

Quando despertou, achou os cavalos nervosos e imaginou que tivesse farejado alguma manada de lobos ou a proximidade de certos ur-

sos gigantescos que não faltavam nas redondezas.

Muito cedo após acalmar os animais, começou a recolher as peças nas armadilhas. A umas três milhas de seu refúgio, no lado mais distante, encontrou um pequeno urso que lutava por libertar uma pata agarrada ao nó. Pelo estado da pata, verificou que sua luta durava havia várias horas.

Rod começou a rir e aproximou-se do ainda inofensivo animal. Acariciou-o um pouco e tirou da bolsa de couro a tiracolo, uma bandagem que aplicou calmamente na pata ferida. O ursinho lambia agradecido a mão que o cuidava.

A seguir distraiu-se bastante com ele, chegando a brincar. Rod soltou-o, mas nem assim o bichinho queria partir. Assim passaram as horas. Sabia o perigo que representava levar o pequeno urso para seu refúgio. Sua mãe o rastrearía e podia esperá-lo à porta da cabana

Começou a andar, mas como não tinha coragem para matá-lo e o animal teimava em segui-lo, coxeando de modo cômico, Rod deixou-o continuar, sem preocupar-se com ele.

Contudo, não queria que chegasse a seu refugio e despistou-o, como fazia com seus seguidores de Chinook. Finalmente conseguiu afastar-se. Quando chegou à cabana, o dia já ia alto.

Ao entrar, sua surpresa não teve limites. Os cavalos e as peles tinham desaparecido! Percebeu as pegadas de vários homens à porta e não queria dar crédito ao que via. Finalmente, convenceu-se.

Procurou acalmar-se e descobrir quantos homens eram e de onde tinham vindo. As pegadas correspondiam a seis pessoas e tinham vindo a pé.

Não seria difícil encontrar a pista, nas logo cairia a noite e preferia deixar a tarefa para o dia seguinte. Sentou-se junto ao fogo, furioso.

Indo preparar sua refeição, verificou que não lhe tinham deixado nada comestível. As peles que deixara penduradas e as separadas, de menor valor, também haviam desaparecido.

Isso aumentou sua cólera e fê-lo empunhar o rifle com fúria. Sentou-se na porta da cabana apesar do frio que fazia e acendeu o cachimbo. O tabaco já conseguira acalmá-lo em outros momentos de ansiedade. Ali ficou muito tempo, até sentir a mão lambida por algo cálido, fazendo-o sobressaltar-se e ficar de pé, empunhando os dois "Colt" com a rapidez de um raio.

Vendo o ursinho a seu lado, começou a rir às gargalhadas, devido ao susto recebido. Brincou com ele durante algum tempo, mas de repente um espantoso e terrível grunhido retumbou perto dele. Havia um urso tremendo a poucos metros.

Sentiu-se então inteiramente sereno. Era o que sempre lhe acontecia nos momentos de maior perigo. O ursinho correu para a mãe e sem

dúvida isso tranquilizou a fera. Rod recuou para o interior da cabana, onde deixara o rifle.

Voltou com ele e apontou serenamente para uma das mais cobiçadas peças de caça. O urso brincou com a mãe e isso obrigou-o a conter o dedo que já ia apertar o gatilho.

Aquela fera jamais compreenderia que sua cria a salvara.

Mãe e filho foram-se afastando pouco a pouco.

Rod descansou o rifle sobre a soleira da porta, encolheu os ombros, entrou na cabana e distraiu-se tirando a pele dos aminhos e visons, caçados na noite anterior.

CAPÍTULO II

Daquelas alturas, observou silenciosamente na manhã seguinte e resolveu rastrear as pegadas.

Ao pé da montanha encontrou os rastros de outros cavalos. Sabia que Chinook era a povoação mais próxima, mesmo estando longe e resolveu seguir de canoa, esperando encontrá-los lá. A pé seria inútil pretender alcançar os ladrões. Estes, sabendo que o tinham deixado sem montaria, não teriam pressa em fugir.

As pegadas demonstravam que agiam com todas as precauções, mas provavam que era um erro de sua parte achar impossível caminhar com os cavalos por tal terreno, dizendo-se que sempre se aprendia algo novo.

Chegou até onde escondera sua canoa de abeto e embarcou. A corrente era bastante violenta e o caudal do rio Milk aumentara conside-

ravelmente. Navegar entre tantos obstáculos de rochas e "canyons" não era tarefa fácil e constantemente corria o risco de naufragar.

Utilizava o remo apenas como leme e deixava a embarcação deslizar pelas turbulentas e espumosas águas torrenciais.

Levara o rifle sobre os joelhos. . . Mas não encontrou nada suspeito.

De milha em milha, graças aos numerosos afluentes, o rio tornava-se mais largo e profundo.

Aproximava-se de uma zona muito perigosa, onde a diferença de nível obrigava as águas a se precipitarem a inconcebível velocidade, local em que era mais aconselhável procurar a margem e levar a canoa sobre os ombros até um ponto em que a navegação não fosse tão arriscada.

Já se dirigia para a margem, direita, quando viu a meia milha mais adiante outra embarcação

como a sua, joguete da torrente. Um terrível grito chegou até ele.

Rod não teve dúvidas de que partira da garganta de uma mulher. Dentro em pouco, outro grito semelhante ecoou. A embarcação naufragou, enquanto alguém lutava contra as águas.

Compreendeu que seria inútil prosseguir e, certo de que lhe aconteceria o mesmo, tentou ir para a margem, mas a canoa, muito leve, não obedecia ao comando do remo transformado em leme.

Era impossível afastar-se da corredeira central.

Lutando contra ela, foi-se aproximando do lugar do naufrágio e então percebeu uma cabeça humana que saía da água, sempre no mesmo lugar.

Dentro da corrente, sua embarcação obedecia ao leme o náufrago, estava agarrado a uma rocha, embora a força da correnteza não lhe

permitisse continuar nessa situação por muito tempo mais.

Um novo grito de socorro indicou a Rod que fora descoberto e uma mão acenou-lhe desesperadamente.

Procurou dirigir sua embarcação para aquele ponto, disposto a segurar a mão e arrastá-la, tentando ajudá-la a subir.

Aproximava-se a uma arrepiante velocidade.

Mediu a distância com exatidão, mas a jovem, pois era uma mulher conforme deduzira ao ouvir o primeiro grito, não soltou a outra mão da rocha. Com o violento puxão que sofreu por causa disso, sua embarcação virou, inclinou-se de lado e naufragou em seguida.

Mesmo assim, a pequenina mão não se soltou da sua, grande e forte.

Com enorme surpresa, Rod percebeu que seus pés tocavam o fundo do rio.

Justamente a escassa profundidade é o que dava mais força à correnteza.

Entretanto, devido à pressão da água em suas pernas, perdeu o equilíbrio e, ao afundar-se, soltou a mão da jovem que foi à deriva, em meio à intensa corredeira.

Rod recuperou-se e segurou a jovem pelos cabelos, justamente quando passava a seu lado, inteiramente inconsciente.

Sentindo que sua mão se soltava da dele, perdeu os sentidos, presa de intenso pânico. Um grupo de rochas deteve os dois e com grande dificuldade conseguiu colocar a moça sobre uma delas.

Verificou o terreno e calculou que, indo para a direita, talvez pudesse alcançar a margem. A água batia-lhe no queixo. Conseguiu ficar de pé, protegido pelas rochas.

Antes de perder mais forças, ergueu no ar a jovem, com ambas as mãos e colocou-a sobre a cabeça.

Foi tão frenética a luta contra a água que quando finalmente conseguiu atingir a margem e depositar sua carga no solo, caiu ao chão, extenuado.

O esforço o deixou esgotado e durou tanto que seus nervos, relaxados, o cérebro trabalhando em alta pressão, deixaram-no inconsciente também.

Quando voltou a si, uns olhos muito negros observavam-no com curiosidade e susto.

— Oh! Que susto passei! — exclamou. — Pensei que já estava morta. Não compreendo como pôde sair dali comigo.

— Também eu — respondeu ele sentando-se.

— Não julguei que houvesse possibilidade de nadar. Faço-o bem e não me atrevi. Ter-me-ia espatifado contra as rochas.

— Não nadei. Vim andando.

Como resposta, ela observou-o detidamente.

– Sun... deve ser muito alto.

– Como se atreveu a navegar por aqui? Deveria ter saído da água antes de chegar a estas corredeiras.

– Perdi o remo pouco antes e não pude evitá-lo. Pensei que fosse a melhor navegadora destes rios. Ia a Chinook visitar uns amigos e imaginei que seria fácil. No Havre a correnteza não é tão forte.

– Havre?

– Veio de lá?

– Sim – respondeu ela. – Minha família tem um rancho. Oh! Julguei morrer. Foi um milagre sua presença. Não sei como não perdi os sentidos antes de avistá-lo e, contudo senti-me desmaiar ao ver que minha mão escapava da sua... Quando Voltei a mim, já estava aqui e julguei-o morto.

– Apareci por casualidade e, se tivesse alcançado a margem quando imaginei não a teria descoberto.

Rod explicou o acontecido.

— Então estava escrito que haveríamos de encontrar-nos. Devo-lhe a vida. É de Chinook?

— Não. Sou caçador e vivo nas Montanhas Nevadas — confessou Rod.

Não compreendia o porquê de dizer pela primeira vez onde morava.

Contou também que fora obrigado a ir pelo rio até Chinook por lhe terem roubado as peles e os cavalos. Tinha esperança de encontrar lá os ladrões.

— Ainda faltam algumas milhas para Chinook. Não teremos possibilidade de chegar caminhando pela neve.

— Certamente — disse ele. — Está amolecendo e ficaríamos atolados no barro.

— Não há outro remédio senão esperarmos em meio a estas árvores, mas o pior será a comida.

— Existem patos selvagens... mas, ei! Meu rifle! Também o perdi... Se voassem baixo, talvez

com o "Colt"... Precisamos fazer fogo, mas nada conseguiremos enquanto os fósforos não secarem...

Rod parou de fitar os negríssimos olhos da jovem. Enquanto falara, observara-a atentamente. Jamais vira tanta beleza numa só pessoa. Tudo em seu rosto era perfeito. Os cabelos, negríssimos, brilhavam pelo efeito da água e do sol que penetrava através dos ramos dos abetos.

– Devemos ficar no sol para que nossa roupa seque – disse ela.

Levantou-se, imitada por Rod.

– Como julguei, é um bocado alto! – comentou ela. – Agora vejo por que conseguiu tomar pé no rio sem molhar a cabeça.

Entre as árvores, a neve ainda estava dura e puderam caminhar com certa facilidade.

Agradeceram ao sol, pois ambos tiritavam de frio com as roupas ensopadas. Rod colocou os fósforos ao sol e pouco depois pôde acender o cachimbo e até fazer fogo com ramos de abeto

que ardem mesmo verdes, embora fazendo muita fumaça.

Depois, os dois ficaram muito tempo em silêncio. Rod voltara a ser o selvagem, o caladão. Franziu o cenho e cerrou os lábios. De vez em quando olhava para a jovem.

Em silêncio, Rod ficou tecendo os ramos mais finos do abeto e uma hora depois tinha vários metros tecidos, com os quais improvisou um cone de quase um metro e meio de altura por outro de circunferência.

Sempre em silêncio, dirigiu-se para a margem do rio e procurou com o olhar, até encontrar um lugar estreito entre duas rochas, onde colocou o cone tecido, de forma a que a parte mais larga e aberta ficasse em frente à corrente.

Deitado na terra ficou segurando o cone dentro da água.

A jovem levantou-se e foi para o seu lado.

– Acha que pegará algum peixe? São muito espertos!

– Contudo vêm desesperados, arrastados pela torrente.

Bastante tempo mais tarde, a jovem convenceu-se de que ele tinha razão.

Conseguiu peixes suficientes para comerem assados.

– Sem sal não ficam muito gostosos, mas antes isso que nada – comentou ela, enquanto comia. – Não morreremos de fome. Outros cairão...

Durante a noite, dormiram junto ao fogo, sentados e apoiados contra as árvores.

Na manhã seguinte, Rod começou a tecer com ramos maiores. Imaginando para que fosse, a jovem ajudou-o a tecer.

Ia construir dois leitos que, colocados sobre a neve, impediriam que seus corpos nela afundassem. Sobre os ramos entrelaçados, colocaria folhagens em abundância, sobre as quais poderiam deitar não longe do fogo que Rod não deixava apagar-se.

Com seu facão, podia apenas cortar ramos não muito grossos, mas se conseguisse muitos, seriam suficientes.

O obstinado silêncio de Rod incomodava a jovem que, imitando-o passava horas e horas sem nada dizer.

E assim passaram-se vários dias...

A alimentação sempre a mesma...

Vira alguns patos sobre a água, mas de que serviria matá-los se depois não poderia colhê-los? No quinto dia Rod levantou-se de um salto. Ouvira o canto da coruja ao anoitecer. Era difícil localizá-la com tão pouca luz, mas finalmente o conseguiu.

Um dos "Colt" espocou e pouco depois o animal era depenado e posto sobre as brasas.

Contudo, ela não provou uma só fatia, preferindo o peixe.

Em troca, ele devorou a coruja e depois sentiu-se mais loquaz.

– Logo poderemos partir. A neve desapareceu. Realmente assim era.

– Ainda precisaremos esperar mais uns dias – replicou ela. – Como se chama? – perguntou de repente. – Notou que no pouco que falamos nem nos chamamos por nosso nome? O meu é Débora.

– O meu Rod – respondeu.

– Não é muito falador, hein?

– Não.

– Acho que já sei quem é você. Chamam-no em Chinook, de Rod, "o Taciturno", não?

– Talvez. Mas isso não me preocupa.

– Acho que existe apenas uma pessoa que o aprecia: Pagge, o feitor. Ouvi quando o defendia, certa vez. O xerife tem-lhe ódio. Diz que... bem, deixemos isso de lado.

– Que diz ele de mim?

– Não sei. . . são apenas comentários de Pagge. Eu ia visitá-lo. Tanto ele como a esposa são meus amigos.

– Imagino que não sou simpático ao xerife. Não dei muita importância a seus interrogatórios e aborreceu-se.

– Sim. Alguma que você é um fugitivo.

– Mas, embora não o seja, que importa isso, se não faço mal a ninguém?

– É isso que dizia Pagge.

Rod brincava com a barba castanho-escuro. Depois desta conversa, mergulhou novamente em seu mutismo habitual.

– Não pergunta nada a meu respeito? – perguntou Débora depois de algum tempo.

– A vida dos outros não me interessa. Não gosto de ser obrigado a retribuir. Se lhe fizesse perguntas, teria direito a fazer o mesmo e detesto os curiosos, mesmo que usem saias.

Débora fez uma careta de aborrecimento e ficou em silêncio. Três dias mais tarde, ainda não era muito o que Rod falara.

Quando a jovem recolheu a pesca do dia e ia levá-la para junto do fogo caiu entre algumas raízes das árvores descobertas e torceu um pé.

Rod cuidou dela o melhor que pôde, afirmando que não tinha importância.

Contudo, quando resolveram partir, foi obrigada a apoiar-se no braço dele para melhor caminhar.

Assim, foram obrigados a andar devagar. De vez em quando Rod fitava Débora em silêncio. Ela lhe sorria e ele então desviava a vista.

Finalmente chegaram a Chinook. As pessoas que estavam nas ruas e nos bares pararam para contemplá-los, enquanto as mulheres do "saloon" comentavam entre si.

Foi o feitor quem ficou mais surpreendido ao ver Débora apoiada ao braço de Rod.

Era algo que não podia compreender.

— O pastor de Havre veio em sua procura — disse Pagge a Débora. — Todos nos a julgávamos morta no rio.

– Graças a este rapaz, tal não sucedeu – replicou ela narrando o acontecido.

– E suas peles? – perguntou a Rod.

– Roubaram-nas uma noite antes de minha partida. Pagge fitou-o assombrado e surpreso.

– Diz que as roubaram!

Sim, bem como os cavalos. Os ladrões não apareceram por aqui?

– Em minha casa, não.

– Não viu meu cavalo no povoado?

– Sabe que nunca saio daqui.

Rod percebeu que Pagge sabia algo, mas não insistiu. Dir-se-ia que tinha falado de mais.

CAPÍTULO III

Débora foi recebida pela mulher do feitor com inequívocas demonstrações de grande amizade.

Convidado por Pagge, Rod resolveu aceitar.

Tinha uma espécie de conta corrente em casa do feitor, de modo que, apesar do roubo das peles que muito o prejudicara por ser a melhor partida já conseguida, não o deixaria sem comer pelo resto do ano.

Compreendendo o estado de ânimo do rapaz, Débora não o deixava sozinho, impedindo assim que procurasse aqueles que, se não estavam mais em Chinook, sem dúvida já tinham aparecido por ali.

Num momento em que a jovem auxiliava a esposa de Pagge, ficou a sós com ele no armazém.

– Parece que há menos movimento de peles – disse Rod.

– Agora todos compram. Preciso transformar a feitoria em um armazém a mais e também vender para todos. Antigamente havia apenas o vai e vem dos caçadores e a troca de peles.

– Existem novos caçadores?

– Não sei. Não me Visitam como antes. O bar ou o "saloon" tem mais atrativos. Não permiti que jogassem aqui e, embora fosse tolice, não estou arrependido do que fiz.

– Agora que essa moça está em boas mãos, vou dar uma volta pelo povoado. Preciso encontrar quem roubou minhas peles.

– Eu as teria conhecido por seu modo de acondicionar e até mesmo pela secagem. Cada um de vocês tem sua marca especial, mas, se forem vendidas em outro armazém, eles não conhecem tais coisas.

Rod compreendeu que Pagge sabia algo. Estava quase convencido disso, mas por algum

motivo ignorado, o feitor não se resolvia a falar claramente.

Não quis pressioná-lo.

Saiu em silêncio, enchendo seu cachimbo e caminhando com lentidão.

A neve começava a desaparecer inteiramente das ruas.

Apenas à beira das valas apareciam alguns montes sujos que os moradores juntaram ao limpar a porta de suas casas e estabelecimentos.

Rod ia pensando em Débora, reconhecendo que era muito bonita e reclinando-se por pensar tanto nela.

O sol estava agradável e por isso havia muitas pessoas na porta dos bares e do "saloon".

Rod não conhecia ninguém.

Nem mesmo sabia se já viveriam ali quando de sua visita anterior.

À porta do "saloon" havia vários cavalos no varal e Rod aproximou-se sem pressa.

Nenhum dos que lhe tinham sido roubados estava ali.

A poucos metros de distância, as mulheres convidavam-no a entrar sem que ele respondesse e muito menos as olhasse.

Contudo, apesar de não ir com idéia de entrar, mudou de opinião e subiu os três degraus que separavam a entrada do "saloon" da calçada.

Sem dar a menor importância às mulheres, empurrou a porta.

Tinha que reconhecer que o estabelecimento fora montado com muito luxo e bom gosto.

Os que jogavam às mesas e alguns poucos ao balcão, bebendo, fitaram-no sem interesse.

Chegou até lá e pediu um uísque.

Num canto do balcão havia um monte de peles.

Fitou-as com interesse e depois aproximou-se.

— Se tem peles para vender — disse o "barman" — pagamos mais que qualquer um.

Sem responder, Rod investigou, movendo as peles.

– Ei Você! Que faz? Está louco? Como se atreva a mexer nessas peles?

Os gritos do "barman" atraíram a atenção de todos para Rod.

Mas ele, sem dar a menor importância ao fato, sempre em silêncio, continuou mexendo nos arminhos, raposas e visons.

As peles estavam soltas, apenas amontoadas.

Um dos jogadores levantou-se e avançou para Rod, dizendo:

– Ei, será que não ouviu?

Rod olhou para quem lhe falara e tirando o cachimbo da boca, cuspiu para um lado, tornando a colocá-lo novamente entre os dentes e a remexer nas peles.

Na mesa de onde se levantara o dono do "saloon", pois fora ele quem falara alguém comentou:

– É Rod, "o Taciturno", um caçador. Não costuma falar muito. Acho que até agora jamais conversou com ninguém, a não ser o feitor Pagge. Tem uns modos muito estranhos.

– Já lhe disse – grunhiu Staford, o dono, de mau humor. – Será que não escuta? Por acaso pretende comprar estas peles?

Afinal os olhos de Rod brilharam de modo especial e começou a separar algumas peles.

O "barman" aproximou-se por dentro do balcão, gritando:

– Solte essas peles! Não vê que são finas demais para suas manoplas?

Rod tirou o cachimbo e disse:

– Onde comprou estas peles? Quem as vendeu? – E que importa isso a você? – gritou Staford. Com o cachimbo entre os dentes, Rod continuou a separar peles.

– Estas peles são minhas. Roubaram-nas e vou levá-las.

– Ei... vamos com calma! Não sou nenhum novato... Olhe para mim com atenção – dizia Staford.

– São minhas e vou levá-las. Não grite mais, por favor, ou acabo ficando nervoso.

– Tanto essas como as outras, foram compradas por mim.

– Lamento – replicou Rod a Staford, – mas como são minhas, vou levá-las. Deveria perguntar a quem as vendeu onde foram caçadas.

Aproximou-se então outra pessoa que o instinto de Rod reputou sumamente perigosa para ele.

– Refere-se por acaso às peles que nós lhe vendemos? – perguntou o homem a Staford.

– E está dizendo que são suas não?

– Sim – replicou este. Dizendo isto, olhou para Rod.

– Onde estão seus amigos? Também venderam meus cavalos? – perguntou Rod. – En-

tão, quer dizer que foi você um dos ladrões. Não compreendo como é que ficou aqui. Imaginavam que eu me conformaria com o roubo? Aqui faltam muitos visons e raposas prateadas. Onde foram vendidos?

A atenção de todos concentrou-se em Rod e seu oponente.

– Não sou homem de tolerar insultos e você diz que sou um ladrão – gritou o acusado.

– Onde estão as outras peles e os cavalos? – perguntou o jovem novamente.

– Estas peles foram caçadas por nós – disse o outro.

– Você não seria capaz de fazer nenhum laço ou armadilha. Você nunca foi caçador. A cor de seu rosto é de fumaça de lampião. Passa a vida na rua como estes. Sem dúvida foram expulsos de algum lugar, mas caçadores não são.

Rod não modificara a voz, falando com a mesma segurança.

– Estão ouvindo? Isto não é um insulto?
Que se deve fazer com um homem assim?

Ria de modo forçado, olhando em torno.

– Onde costumam caçar? Quantas vezes já vieram a este povoado?

– Isso não é da sua conta!

– Alguém daqui os conhece?

– Sim – disse Staford. – Eu os conheço.

– Mau. Mau... Está entrando num assunto perigoso, amigo. Quer dizer que então responde por eles?

– Sou sozinho! – gritou o chamado de ladrão.

– E os outros? Foram vários os que roubaram minha cabana. Espero sua resposta, amigo!

– Este sujeito ficou louco. Solte essas peles!
– gritou Staford.

– Se confessa que o conhece... não terá visto seus amigos?

– Não sei como dizer-lhe que isto não é da sua conta.

— Estou provando que é — disse Rod. — Roubaram minhas peles e dois cavalos. Agora, encontro-as aqui, embora faltando muitas. Onde estão?

— Estou cansando, rapaz, Staford já disse que me conhece.

— E a ele? Quem o conhece? Este "saloon" é novo. Veio de Helena, Butte ou Cheyenne. Trouxeram um vício que não interessava a Chinook. Quando esta população perder sua simplicidade roceira, desaparecerá o encanto que a tornava tão agradável. Estas mulheres nada têm a fazer aqui e "saloon" algum como este poderá prosperar. Nem sempre encontrarão peles já preparadas por seus amigos.

O mais intenso espanto arregalava os olhos das mulheres e dos homens postados por trás de Rod, os quais se retiraram em silêncio.

— Em minhas andanças pelo Oeste conheci alguns malucos, mas confesso que não esperava encontrar nenhum tão atacado como você --

disse Staford. — Não só chama este homem de ladrão, como se atreve a insultar-me.

— E isso deve ser muito perigoso, não? — perguntou Rod.

— Logo ficará convencido disso — replicou Staford. — Agora o caso já é uma questão pessoal para mim.

— Então devo tremer de medo, não é isso? Pois lamento, amigo não o farei. Como tenho interesse apenas em minhas peles e em castigar este ladrão, é melhor que você não se misture a isso, a menos que ele seja seu sócio.

Assim dizendo, a voz de Rod não tinha o tom do homem que fala em matar outro. Seu ar era manso, de fala suave.

Contudo, Staford não o considerou assim. Empalideceu tão visivelmente, que levou o ladrão de peles a exclamar:

— Não vai ficar assustado com o que diz este grandalhão. Nós caçamos estas peles e ne-

nhuma delas tem marca exclusiva. São como todas as outras.

– Suas palavras provam que nunca foi caçador em sua vida! Procurem algum outro caçador!

Um dos fregueses, cujas roupas indicavam que o era, aproximou-se dos querelantes.

– Eu sou caçador. O que há?

Rod examinou-o detidamente e franziu o cenho.

– Caça nas proximidades? – perguntou.

– Onde eu caço não interessa a ninguém – foi a resposta obtida.

– É, tem razão – continuou Rod. – Você reconheceria suas peles em meio às outras?

– Se forem da mesma classe, não. Todos usamos o mesmo processo para secar e empacotar.

– Ouviram? – disse o outro aos ouvintes – Suponho que também não duvidará deste – dirigiu-se a Rod, indicando as vestes do homem.

– Uso roupas de "cowboy" e sou caçador
– disse Rod como resposta.

– Que pretende dizer? – grunhiu novamente o caçador.

O rosto de Staford brilhava de satisfação. O homem fornecera uma importantíssima ajuda.

– Quero dizer que não existe o caçador que não possa distinguir suas peles entre mil.

A discussão interessava aos ouvintes, agrupados ao redor dos homens que discutiam.

– Agora sou eu a afirmar que é você quem não é caçador e chego a crer que está tentando impor aqui um truque usado por algum tempo na bacia do Hudson, no país vizinho.

Sorrindo Rod replicou:

– Você é um dos que venderam as peles, não?

O vestido de caçador olhou nervosamente em torno e respondeu:

– Não é isso que estamos discutindo.

Rod viu que a maioria olhava para a porta e ficava a um lado.

– Que aconteceu aqui que desperta tanto interesse? – perguntou o xerife, aproximando-se.

Foi Staford quem respondeu:

– Este louco afirma serem suas quase todas as peles que tenho aqui. Diz que foi roubado e este caçador declara que se as pele são da mesma classe, não podem ser distinguidas umas da outras.

O xerife fitou o homem vestido de caçador.

– Você anda por aqui há poucos dias e chegou com este que discute. Caçam nesta comarca há muito? Não os vi antes em Chinook.

– Passamos o inverno numa montanha a poucas milhas daqui – respondeu o caçador.

– Dedicam-se à caça há muito tempo? – tornou a perguntar o xerife.

– É este que acusa os outros de ladrões! – exclamou Staford, apontando para Rod.

– Quanto a esse rapaz, eu o conheço bem. É um dos melhores caçadores desta parte de Montana. Também fui caçador, Staford e qualquer caçador reconhece suas peles, mesmo misturadas a outras de espécie semelhante. Por isso, estranho que este homem declare o contrário.

– Não digo que sim nem que não e mesmo nem se são estas as peles vendidas por esses homens, mas não creio, xerife.

– Já disse que fui caçador por muitos anos – replicou o xerife. – Podem dar a discussão por terminada e se você reconheceu suas peles, pode levá-las. Estou certo de que Pagge igualmente as reconheceria.

– Por isso não as venderam lá – exclamou Rod.

– Eu não identificaria as minhas, confesso. Todas me parecem iguais – disse o caçador.

– Não posso perder estas peles! Paguei muitos dólares por elas! – protestou Staford.

– Faça o que quiser – disse o xerife.

– Isto sim é que é roubo! Um truque do Norte! Não compreendo como o xerife ainda o favorece.

– Procure não perder a calma. Staford, caso não queira ficar uma temporada meditando na cela.

O xerife era temido e respeitado em Chinook.

Fora reeleito por vários anos seguidos e sua retidão era notória em todo Montans.

Staford mordeu os lábios. Morava ali havia pouco tempo, mas já ouvira vários casos sobre o xerife.

– Xerife – disse Rod, – que ninguém saia daqui. Separarei todas as minhas peles e as contaremos. Depois tornaremos a misturar e, para provar a todos que cada caçador tem sua marca especial, mande vir Pagge. Ele retirará as mesmas peles que eu, porque conhece as que pertencem a cada um de nós. Aqui existem peles do

"Ruivo". Estranho que não as tenha vendido a Pagge.

– Do "Ruivo"? Há muito não o vejo por aqui – respondeu o xerife.

– Nem todas as minhas peles estão aqui, xerife. As melhores devem estar guardadas. Conviria revistar esta casa comigo.

– Protesto, xerife! – disse Staford.

Mas o xerife chamou vários fregueses, pediu-lhes que não deixassem ninguém sair e revistou a casa com Rod.

O jovem não se tinha enganado.

No armazém, ainda empacotadas como ele fizera, estavam os melhores exemplares de vison e raposa prateada, bem como os arminhos de maior tamanho.

Ao descobri-las, Rod comentou:

– Isto indica xerife, que o proprietário desta casa não é tão ignorante a respeito de peles como procura aparentar. Soube retirar o melhor.

Estas outras são do "Ruivo", tenho a máxima certeza.

— Foi um caçador quem me disse que estas peles eram melhores e por isso separei-as para vendê-las em Forte Peck, onde pagam bem as remessas de Saint Louis. Negociam com índios pacíficos.

— Acho que Rod tem razão — disse o xerife. — Pode levar as peles que forem suas.

— Xerife, é melhor que seja Pagge quem as recolha. Assim, todos ficarão convencidos de que são minhas.

O xerife não quis insistir.

Quando os espectadores do "saloon" souberam que Staford estava com as peles escondidas, os murmúrios que se levantaram indicaram-lhe que sua vida corria perigo.

Também o xerife pressentiu a situação e temeu que os vaqueiros e pastores desandassem a cometer desatinos.

Staford cambaleou, vendo todos os olhares fixos em si e ficou por trás do balcão.

Vários vaqueiros avançaram para ele silenciosamente.

– Não tenho culpa. Comprei as peles... Não sei se são roubadas ou não... Não conheço os caçadores – dizia assustado. – Perguntem a esses que me venderam uma boa partida!

Os acusados compreenderam que a situação era difícil.

– As peles que vendemos foram caçadas por nós. Se Staford comprou outras roubadas, a culpa não é nossa. Na verdade, é claro que ele não pode saber se são ou não roubadas.

– Xerife – disse Rod. – Mande chamar Pagge.

O xerife obedeceu, mas o emissário comunicou a Pagge o acontecido em presença de Débora, a qual resolveu vir com o feitor.

A jovem procurou Rod com o olhar e não lhe foi difícil encontrá-lo, dada sua avantajada estatura.

Correu ao seu encontro e falou em voz baixa:

– Encontrou suas peles? E os cavalos?

– Espero encontrá-los também. Talvez, se olharmos no estábulo de Staford...

Segundos depois, um dos empregados do "saloon" desaparecia por uma porta interior.

Correu para as cocheiras como um louco e espantou os cavalos, deixando-os soltos na rua.

Staford ficou mais calmo, avistando um sinal do empregado.

Contudo, não tiveram sorte.

Um vaqueiro viu quando os cavalos eram soltos e, alheio ao que acontecia, pegou-os e entrou no "saloon".

Já informado dos fatos pelo xerife, Pagge revisou as peles e não demorou a separar as pertencentes a Rod.

Fez o mesmo com as que estavam escondidas no armazém.

— Staford — disse o vaqueiro. — Pat deixou os cavalos abandonados na rua. Deveria re-preender seus empregados. Trouxe-os de volta e deixei-os aí em frente, presos ao varal.

Rod correu para a porta, seguido pelo xerife e a maioria dos espectadores.

Tais momentos foram aproveitados pelo homem vestido de caçador e seu amigo, para sair pela porta pouco antes utilizada por Pat, o qual acompanhou-os.

Rod assobiou da porta e os dois cavalos abanaram as orelhas, relinchando como se assim testemunhassem a alegria de encontrar seu dono.

Rod desceu e acariciou-os.

Staford também preferiu aproveitar os minutos.

Fugiu por uma porta dos fundos, sem parar para carregar nada.

— Não há dúvida! — exclamou o xerife. — Você nada tem a dizer. Todos vimos que os cavalos são seus. Tinha razão em suspeitar de Stafford. Agora veremos que desculpas ele apresentará pela permanência dos cavalos em sua cocheira.

Contudo, Stafford não apareceu.

Sua fuga tornou-o ainda mais suspeito aos olhos de todos.

Indignados, os vaqueiros entraram no "saloon" e depredaram suas bebidas e o mobiliário.

Só não incendiaram o estabelecimento, graças à intervenção do xerife.

Rod levou suas peles para a casa de Pagge, o qual pagou um preço maior que o costumeiro.

Recebera instruções nesse sentido, da Companhia a que servia.

CAPÍTULO IV

Passaram-se vários dias sem que Staford e os outros aparecessem e o xerife imaginou que tivessem ido para Forte Peck ou Helena.

Staford voltaria, já que não podia abandonar o "saloon" definitivamente.

Entretanto, o xerife enganou-se nesta suposição.

Uma semana mais tarde, o novo proprietário do "saloon" visitou o juiz e o xerife. Staford o vendera em Helena, segundo os documentos que apresentou.

O xerife examinou atentamente os documentos e o homem.

O juiz ratificou a venda e acompanhou o novo proprietário para que tomasse posse do estabelecimento.

Crawford reuniu os empregados e falou-lhes que contava com a sua cooperação.

A seguir, perguntou a cada um quanto lhes devia Staford, avisando que faria o pagamento com a quantia arrecadada pelo "barman" que administrara o estabelecimento naquelas duas últimas semanas.

Avisado, o pastor de Havre foi a Chinook buscar Débora.

Entretanto, ela preferiu ficar uma temporada em Chinook.

Tanto o pastor como Pagge sabiam qual e quem era a causa disso.

Contudo, Rod declarou que voltava para sua montanha. O roubo de que fora vítima já estava sem efeito, ao encontrar o que lhe pertencia.

Débora tentou evitar a partida de Rod.

O rapaz confessou que não conhecia as festas de Chinook na primavera e ela pediu-lhe que ficasse, a fim de acompanhá-la.

Crawford granjeou as simpatias da cidade, proibindo o jogo em seu estabelecimento. Como

era o mais bem montado, absorveu a maioria dos bebedores de Chinook.

As mulheres foram despedidas e tomaram a diligência para Helena, ponto de origem de quase todas elas.

Uma notícia um dia alvoroçou a região tão pacífica até aqueles dias.

Um dos caçadores exibiu um punhado de pepitas que encontrara no rio Milk e todos os vaqueiros, inclusive as autoridades de Chinook, ficaram contagiados pela febre, partindo para seguir o curso do rio.

E realmente encontraram bastante ouro, não se explicando como não o tinham descoberto antes.

Contudo, Rod não quis partir como os outros e Pagge, como não tinha com quem deixar a feitoria, também ficou, embora muito a contragosto.

Rod ofereceu-se para administrar o armazém por algumas semanas, caso ele realmente desejasse tentar fortuna.

Não precisou repetir a oferta, pois Pagge partiu no mesmo dia, levando um dos cavalos de Rod.

O rapaz ficou tomando conta do estabelecimento, em companhia da esposa de Pagge e de Débora.

No povoado ficaram apenas mulheres e crianças.

Outro que não partiu foi Crawford, sempre se mostrando imensamente amável para com Débora, quando a encontrava.

Dias mais tarde foi à feitoria de Pagge, a pretexto de falar com Rod, mas com o secreto desejo de avistar Débora.

— Não gosto desse homem — disse a esposa de Pagge à moça. — Ele a fita de uma maneira que me mete medo. Devia ter voltado com o pastor.

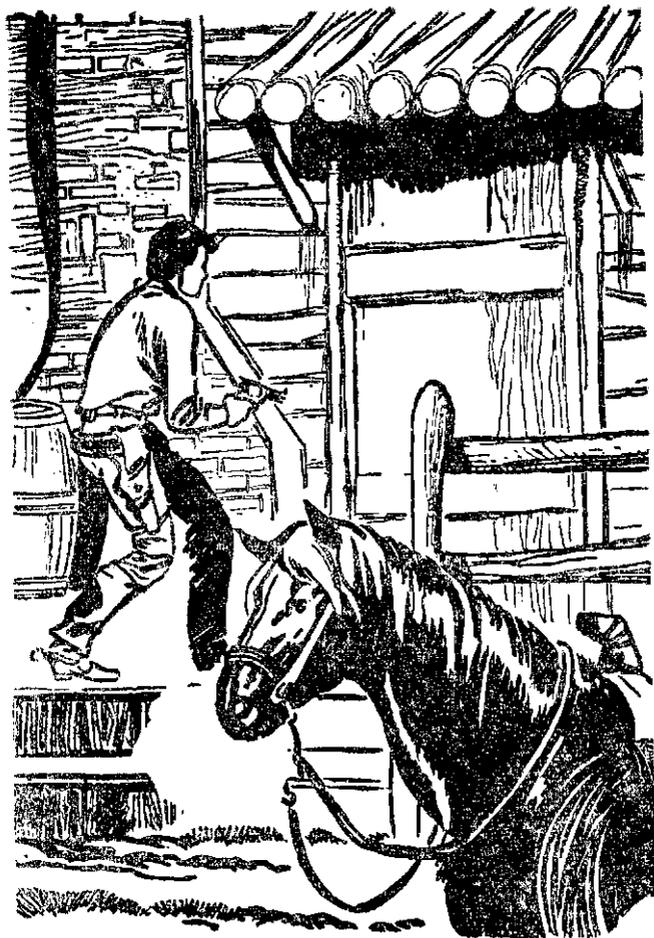
– Também não simpatizo com ele. É amável demais para ser sincero.

– Além disso, odeia Rod, embora faça o possível para disfarçar – acrescentou a esposa de Pagge.

Crawford não perdera tempo.

Numa caravana procedente de Helena chegaram novas mulheres e muita bebida.

As duas coisas agradaram aos novos mineiros que não faziam outra coisa senão registrar terrenos.



Foi-se chegando para a porta e...

—33

2 — OURO (OH-16)

A notícia correu com rapidez e as caravanas se sucediam, com garimpeiros ambiciosos que

subiram o curso do rio, ocupando suas margens e construindo cabanas.

Durante as noites, o "saloon" de Crawford era uma verdadeira mina.

Todo o ouro dos garimpeiros ou sua maior parte, ficava nos balcões e mesas de jogo, montadas em profusão.

Também chegaram músicos de fora, contratados por um salário tentador, embora vários deles desertassem em busca de ouro.

Assim passaram-se dois meses.

Pagge regressou sem ter sido feliz.

A tranquilidade de Chinook desaparecera.

Os homens, tanto bêbedos como sãos, brigavam por nada e o cemitério ia ficando povoado por causa das armas.

As provocantes mulheres levadas para o "saloon" constituíam uma verdadeira ameaça para os lares da calma cidadezinha.

Nem o xerife ou a lei por ele representada, foi mais respeitado. Como antes, impunha-se a lei do mais forte.

Crawford provou várias vezes que sabia manejar com habilidade e segurança a única lei que era respeitada: o "Colt".

Nesses dois meses, Rod assistira à construção de mais de seis dúzias de novas moradias, enquanto as caravanas continuavam chegando em maior quantidade.

Pagge escreveu e telegrafou, solicitando autorização da Companhia para transformar a feitoria em um bar ou "saloon".

Tal fato significaria para ele uma verdadeira fortuna, em virtude de estar melhor localizado que os outros.

A resposta da Companhia foi de que viriam verificar pessoalmente.

Débora vendia o uísque que Rod mandara vir de Helena, em sua ânsia de auxiliar Pagge.

A beleza da jovem era um atrativo para os fregueses, mas isso também significava um grave perigo para ela.

A mulher de Pagge conseguiu convencê-la a deixar o balcão.

A cada dia Rod afirmava que ia partir, mas três meses depois continuava ali, gastando os dólares conseguidos pelas peles,

Chinook agora era povoada por novos habitantes.

O regresso de Pagge trouxe mais liberdade a Rod.

Finalmente, um dia declarou a Pagge, após fechar o estabelecimento:

– Vou partir Pagge.

Débora fitou Pagge de modo especial.

– Sei que não tenho nenhum direito, mas ficar-lhe-ia muito grato se concordasse em esperar a chegada dos homens da Companhia. Poderia ajudar-me a convencê-los. Mais uns dias não farão tanta diferença!

Deixou-se convencer mais uma vez. Débora sempre o fazia passear com ela, embora volta e meia encontrassem Crawford.

– Soube que voltará para suas montanhas – disse ele a Rod certo dia. – Estranho que não tenha procurado registrar um bom terreno à margem do rio. Poderia ter sido dos primeiros.

– Não sou ambicioso e gosto da solidão – respondeu Rod. – Você também não foi ao rio.

– Preciso tomar conta de meu estabelecimento. – Quando é que Staford volta? – perguntou Rod, surpreendendo Débora e Crawford.

Este fitou-o de modo estranho e respondeu, após alguns minutos de silêncio:

– É assunto meu.

– Pois quando voltar, diga-lhe que tem uma conta pendente comigo. . . e com Chinook. Se a ambição o trouxer de volta, será a maior idiotice de sua vida, embora não creia que ele confie muito em você.

Continuou andando e Débora falou:

– Por que falou assim a Crawford? Julga que são amigos?

– Estou certo disso! São sócios. Embora Crawford procure roubá-lo de todas as formas. A mim é que não enganaram.

Débora ficou em silêncio e não voltaram ao assunto por vários dias.

As testas da primavera foram surpreendidas pelo ouro.

Construíam casas de tijolos pedras, evidenciando que a riqueza começava a manifestar-se.

As lojas vendiam custosos vestidos para senhoras e trajes da cidade para homens.

Às margens do rio não havia um palmo de terra sem proprietário ou garimpeiro.

Tal fato deixava Débora aborrecida, pois gostava de banhar-se ali.

Rod tornou a dizer que ia embora, mas também não foi dessa vez.

Finalmente, numa das diligências que agora vinham com assiduidade maior, chegaram os

homens da Companhia de peles, proprietária da feitoria em que Pagge trabalhava como encarregado e único empregado.

Débora contemplou-os com curiosidade.

Eram dois homens e uma mulher que, se não tão bonita quanto ela, nem por isso deixava de ser atraente, principalmente devido à sua elegância no vestir.

Pagge mostrou-se muito amável para com eles e foram hospedados em sua casa.

Salmson era o presidente; Lucy, sua filha e John Gordon, um dos conselheiros.

Débora não disfarçou sua irritação, percebendo a amabilidade com que Lucy tratava Rod, assim que o rapaz fora apresentado aos recém-chegados.

Salmson informou que a caravana que percorria os postos com um conhecedor do terreno, não demoraria a chegar.

Acrescentou que partiriam depois com eles.

Rod voltou a ser o selvagem de antes. Com seu cachimbo eternamente preso entre os dentes, ouvia a conversa sem intervir, apesar de ser interrogado ou mencionado.

Pagge falou a Rod e Lucy pediu informações sobre ele, fazendo comentários que deixaram a outra aborrecida.

– É seu namorado? – perguntava Lucy a Débora dois dias após.

– Não. Somos apenas amigos.

– Melhor. Assim não terei remorsos. Gosto dele e vou tentar conquistá-lo. Nós, as mulheres, temos meios para isso, não acha?

– Não entendo muito dessas coisas – replicou Débora.

– Não compreendo como é que não se apaixonou por ele – disse Lucy sorrindo.

Nesta noite, Débora não conseguiu dormir, refletindo nas palavras de Lucy.

A verdade é que estava apaixonada por Rod, embora só o percebesse ao sentir quanto começava a odiar a jovem elegante.

Rod portava-se friamente para com ela, mas Lucy recorria a todos os ardis das mulheres do Este, a fim de vencer sua resistência.

No dia seguinte Débora procurou Rod para pedir-lhe que saíssem juntos a passeio, mas Lucy já se adiantara e Rod, correto, não encontrara meios de negar-se.

Isto significou para ela uma profunda e intensa decepção, sem ânimo para coordenar as ideias.

Foi neste estado de espírito que Crawford a encontrou e assim, passearam juntos pela primeira vez.

Na volta, encontrou-se com Rod e Lucy.

O rapaz fitou Débora e Crawford em silêncio.

Lucy aproximou-se dela e Rod aproveitou a oportunidade para ir andando.

Crawford convidou as duas jovens para uma visita a seu estabelecimento. Desejando conhecer melhor o Oeste, Lucy aceitou encantada.

Débora deixou-se levar, mas estava furiosa consigo mesma. Nos olhos de Rod percebera um brilho zombeteiro que a magoara mais que um insulto.

Crawford portou-se como um verdadeiro cavalheiro para com elas, mas mesmo assim queria voltar para a casa de Pagge. Ele acompanhou-as gentilmente.

Haviam passado mais de duas horas no "saloon".

Rod fumava seu cachimbo e lia, quando elas voltaram.

Em voz alta, Débora marcou um encontro com Crawford para o dia seguinte e ele olhou para Rod altivamente.

O rapaz parou a leitura e contemplou os dois com ar zombeteiro, mas nada disse. Depois,

mergulhando em seu livro, alheou-se a tudo o mais.

Débora tinha vontade de aproximar-se e esbofeteá-lo. Não se sentia muito satisfeita essa noite.

Quando todos já estavam deitados, o xerife bateu à porta.

Pagge abriu.

— Vim buscar Rod — disse o xerife. — Preciso de homens que me auxiliem. Assassinaram e roubaram dois mineiros. Desconfio de quem tenha sido o autor e precisamos enforcá-lo esta noite. Se o castigo não for exemplar, tais fatos se repetirão... e não posso confiar em muitos agora.

— Vou num instante, xerife — respondeu Rod, ouvindo o que ele dissera.

Poucos minutos depois cavalgava seu animal, pronto para ir com o xerife.

— Está no "saloon" de Crawford — disse ele a Rod. — Não simpatizo com o tal Crawford.

Hoje o avistei com Débora e você não deveria permitir que ela andasse em sua companhia.

– São coisas que não me dizem respeito, xerife.

– Oh! Desculpe-me. Julguei que os dois estivessem apaixonados. É o que comentam em Chinook.

– Quem é o assassino?

– Um dos novatos...

– Quando mataram os mineiros?

– Há dois dias e nosso homem desde então vem gastando dinheiro demais. Convidou várias mulheres do "saloon" para um champanhe. Vim à sua procura após saber que esse homem é um dos que venderam suas peles a Staford.

Rod ficou em silêncio.

– Quando voltou?

– Não sei. Provavelmente estava nas redondezas. Como os outros!

– Viu-os por aqui?

– Não, mas é o que presumo. Acho que o próprio Staford anda por perto de Chinook. É muito amigo de Brooks e seu rancho fica apenas a 24 quilômetros.

– Consegui recuperar minhas coisas e por isso não lhes tenho muito rancor, mas fizeram o que é mais castigado no Norte. Se agissem assim no Canadá, seriam rastreados pelos caçadores. Além disso, receio que tenham assassinado o "Ruivo". Irei aos lugares em que ele costumava caçar. Pagge sabe disso. Há muito que não aparece e nunca faltou após o degelo. Se for verdade o que penso, hei de rastrear todos eles... e não os deixarei com vida!

Chegaram à frente do "saloon".

– Entre comigo. Vou interrogá-lo. Rod obedeceu.

Apesar da hora tardia, o "saloon" estava repleto. A grande maioria compunha-se de bêbedos que só se mantinham de pé sustentados pelo balcão do bar onde se apoiavam.

Outros dançavam com as mulheres, rendidas pelo cansaço.

Sorridente, Crawford atendeu-os no balcão. O xerife procurou quem o interessava em meio aos fregueses.

Estava em uma mesa, cercado de homens e mulheres, com várias garrafas de champanhe em frente. O xerife aproximou-se lentamente.

– Olá, rapazes! – cumprimentou.

– Olá, xerife! Um trago? – respondeu o interrogado.

– Não bebo isso. E então, teve sorte?

– Como vê. Encontrei um veio com pepitas do tamanho de meu punho. Tive muita sorte.

– Não vê Guilford e Johnatan há muito?

O outro levantou-se como que picado por uma serpente.

– Por que pergunta isso, xerife?

– É que não os vejo por aqui há dois dias e da última vez você estava com eles.

– Não sei. Desde então não saí daqui.

– Nesse caso, onde encontrou essas pepitas?

– Já as tinha encontrado. Pergunte a Crawford. Ouvindo a conversa, o mencionado deixou o balcão.

– O rapaz disse a verdade. Há três dias que não sai de meu estabelecimento. Quando estive com Guilford e Johnatan, já encontrara esse velo e nada disse a eles por serem seus vizinhos de terreno.

O xerife sabia que com tal testemunho nada poderia fazer contra o criminoso, mas cada vez ficava mais convencido de que fora ele o assassino.

Foi o que Rod também sentiu.

O xerife retirou-se para o balcão.

– Nada posso fazer se Crawford continuar a ajudá-lo – comentou com Rod. – E tenho certeza de que foi ele

Em silêncio, Rod deixou o xerife, aproximou-se da mesa ocupada pelo criminoso e falou-lhe:

– Mentiu! Você os matou. Eu vi! E vai ser enforcado, para servir de exemplo a todos. Levante-se!

– Ouça rapaz. Você nada pode ter visto porque quando eles foram mortos, este rapaz estava em meu estabelecimento.

– Como sabia que foram mortos? – perguntou Rod.

– Aqui falam de tudo. Foi o que ouvi dizer. Ou será que vai suspeitar de mim também?

– Deixe-o, Crawford. Chamou-me de assassino... O caso é comigo.

O acusado levantou-se, mas ficou curvado para a frente, de mãos enrijecidas como garras.

– Falou – continuou, dirigindo-se a Rod – que ia enforcar-me, não é isso?

– Assim o farei, mesmo que tenha de matá-lo primeiro. Crawford cometeu uma tolice,

assegurando que você não deixou seu estabelecimento. Hoje mesmo esteve muito tempo fora daqui.

– É isso que o magoa – disse Crawford.

– Passei com Débora e amanhã farei o mesmo.

– Fará enquanto eu o permitir – replicou Rod, sem deixar de vigiar o outro. – Encarregue-se dele, xerife. Procura distrair-me, mas não o conseguirá.

Os mineiros e vaqueiros que ainda não estavam dominados pela bebida, contemplavam a cena com interesse.

– É um louco se pensa que eu me deixaria enforcar. Ouviu Crawford dizer que eu não saí daqui e estas mulheres podem confirmar o fato...

– É verdade! – exclamou uma delas. – Está aqui há dois dias e três noites.

– Certamente veio depois de matá-los, para que todos o vissem. Por isso pediu champagne, procurando chamar a atenção e ser notado, mas a mim não engana. Não sei se Crawford

deixou-se enganar ou tenta ajudá-lo de modo consciente. Contudo, torno a dizer que de qualquer modo cometeu uma tolice.

– Já ouviu que não poderia ser eu o assassino, logo, dê o fora daqui. Deixe-me em paz!

– Já disse que vou enforcá-lo – replicou Rod.

– Xerife? Por que não aconselha este louco a ir embora? Se continuar a insultar-me, serei obrigado a matá-lo. Não há provas para prender-me. Bem vê que minha saída é muito boa, já que é Verdade.

– Você é um criminoso e eu o pendurarei, não importa...

Rod percebeu o movimento daqueles braços e seus reflexos funcionaram bem. Atirou com o tempo indispensável para evitar ser morto.

Muito pálido Crawford contemplou o cadáver, empunhando os dois "Colts" os quais não chegara a disparar.

Rod guardou sua arma e ergueu o cadáver com facilidade. Em seguida deixou-o sobre uma mesa e depois levou-o para a rua.

Apanhou uma corda em seu cavalo e segundos mais tarde o assassino dos dois mineiros pendia de uma árvore.

Sempre em silêncio, retornou ao "saloon", encarou Crawford e disse:

– Não se esqueça de como é perigoso proteger criminosos.

– Mas é verdade que estive dois dias aqui – repetiu o dono do "saloon" com a voz embargada pelo medo e emoção.

– Bem sabe que esta lei – e golpeou os "Colts" – não precisa de provas para castigar.

CAPÍTULO V

No dia seguinte não se falava em outra coisa no povoado.

Crawford foi à procura de Débora, como combinara e nada falou-lhe a respeito do fato. A jovem só soube ao voltar. Outra notícia a surpreendeu.

À hora do almoço perguntou por Rod, contando o que ouvira falar na feitoria.

— Voltou para as montanhas — respondeu Pagge. Débora ficou sem saber o que pensar. Era a notícia que menos esperava.

— Partiu? Julguei que estivesse passeando com Lucy.

— Ele está apaixonado por você — respondeu Lucy. — Percebi isso ontem.

Não pôde tocar no almoço. Ansiava por ficar sozinha e poder chorar.

Crawford combinara ir buscá-la durante a tarde.

O xerife apresentou-se na feitoria, perguntando por Rod.

– Sinto muito – disse, ao saber que ele partira. – Queria convencê-lo a ser meu auxiliar. De homem como ele é que precisamos aqui.

– Talvez não demore – comentou Pagge. – Foi visitar os lugares de caça do "Ruivo". Esquisito que esse caçador ainda não tenha aparecido por aqui.

Ouvindo a conversa, Débora esperou que Pagge ficasse só.

Então perguntou-lhe onde ficavam os locais de caça do "Ruivo".

– Não deve ir atrás dele. Já o magoou muito com esse Crawford dos infernos.

Débora compreendeu que Pagge estava aborrecido com ela.

Também ela sentia o mesmo e por isso não estranhou a atitude de Pagge.

– Tem razão, mas estava cega pelo ciúme. Vendo-o com Lucy, perdi a cabeça. Quero pedir-lhe perdão... não vê que o amo de todo o coração?

– Jamais conseguirei entender as mulheres – disse Pagge. – Amam um homem e saem com outro...

– Não diga mais isso. Já confessei meu arrependimento.

Finalmente convencido, Pagge deu-lhe a direção que Rod tomara.

A jovem pediu um cavalo ao feitor, bem como uma equipagem com mantas, víveres e um rifle, partindo nessa mesma tarde.

Não queria que Rod tomasse muita dianteira.

Quando estivesse longe de Chinook, poderia seguir as pegadas de Rod.

Estava acostumada a isso e então o perseguido não poderia esconder-se.

Entrementes, Rod caminhava sem pressa, alheio à perseguição de que era vítima.

Ao cair da tarde, parou a fim de preparar a comida e descansar.

Acendeu uma fogueira e, uma vez satisfeito o estômago, atirou-se sobre as mantas.

Ouvia as canções dos mineiros, varando as distâncias.

No dia seguinte, a estas horas, estaria longe demais.

Por seu turno, Débora também foi obrigada a fazer alto, impossibilitada de seguir os rastros com tão pouca luz.

Assim que amanheceu, reiniciou a marcha.

Não demorou a encontrar as pegadas do cavalo montado por Rod. Chegou a calcular quanto tempo levava na dianteira e assim verificou que não ia ser fácil alcançá-lo.

Ele tomara a direção da montanha, mas a jovem não desanimou, continuando em seu propósito com vontade firme.

Antes de cair a noite, Rod conseguiu encontrar os pontos de referência para guiá-lo à cabana do "Ruivo", coisa que faria no dia seguinte bem cedo.

Débora preferiu não parar, ao perceber qual a direção que ele tomaria e passou de largo, deixando Rod a um lado.

O rapaz estava tão fatigado que nem ouviu os passos do animal da jovem, embora isso não fosse muito fácil por se ter metido entre algumas árvores, onde o cavalo poderia ficar amarrado e pastar melhor.

Não queria arriscar-se a ficar sem sua montaria.

O cavalo que levava os livros e provisões era mais calmo, não precisando preocupar-se com ele.

Certa de que Rod ia para a cabana do "Ruivo", Débora continuou seu caminho, sem preocupar-se em seguir suas pegadas.

Como ela fora informada da direção por Pagge.

Estava mais longe do que imaginara e eram muito difíceis os caminhos que levavam a seu destino.

Quando chegou ao pé da montanha, a tarde chegava.

Não quis parar para descansar, apesar de necessitar disso com urgência, receando que Rod se distraísse com o "Ruivo", caso o encontrasse.

Segundo as instruções de Pagge, a cabana ficava num pequeno planalto na metade da montanha.

Já havia pouca claridade, quando chegou ao que fora, sem dúvida, um estábulo para os cavalos, muito bem protegido para combater os rigores do inverno.

Isso indicava que a cabana não devia ficar longe.

Já não havia mais luz do dia e o estábulo era um convite para que Débora descansasse.

Em virtude da inclinação da subida, tinha desmontado e o cavalo se entretinha pastando, o que significava uma preocupação para ela, além do estorvo. Assim, resolveu deixar o animal no estábulo e prosseguir sozinha em sua busca.

Pulou de alegria, vendo que havia mais três animais na cocheira.

Não conhecia os animais de Pagge, do "Ruivo" ou dos habitantes de Chinook. Contudo, sabia qual era o de Rod, mas ele não estava ali.

Imaginando que teria levado sua montaria até a cabana, teve ainda mais vontade de chegar até ela.

Deixou seu cavalo ao lado dos outros e procurou a cabana, encontrando-a pouco depois.

A janela iluminada da rústica moradia indicava que o "Ruivo" estava ali e que nada do que Rod e Pagge temiam havia acontecido.

Não parou para olhar pela janela que estava entreaberta.

Empurrou à porta com decisão e entrou. Parou surpreendida e um tanto assustada.

Havia três homens ali, mas nenhum deles era Rod.

Apesar de seu traje e aspecto parecerem masculinos, as duas negríssimas tranças que lhe caíam pelos ombros não deixavam dúvidas quanto ao seu sexo.

— Ora vivas!... — exclamou um dos três, após levantar-se, como os outros, empunhando as armas. — Mas é uma pombinha!

Os outros dois aproximaram-se da porta em silêncio. Após os primeiros momentos, Débora começou a recuperar o domínio de si mesma.

— Entre, não fique aí. As noites estão frias e é grato a gente ter um teto sobre a cabeça — continuou dizendo o único dos três que falara. — Que procurava por aqui?

— Devo estar enganada — respondeu ela. — Procuo um caçador chamado "o Ruivo".

Os outros dois entraram e um deles disse:

– Não há ninguém. Veio sozinha e deixou seu cavalo na cocheira.

– Goldmist! Onde estão suas boas maneiras? Por que não convida a senhorita a sentar-se?

– Já o fiz, Muller. Ela é amiga do "Ruivo" e disse-lhe que ele não demorará a voltar. Foi colocar seus laços e armadilhas.

– Não gosto de mentiras, Goldmist. Nós não conhecemos tal pessoa e nunca a vimos – disse Muller.

Débora contemplava-os atentamente, amedrontada.

Os olhos de Muller deixavam-na especialmente assustada.

– Agi assim para que não ficasse intranquila – disse Goldmist.

– É melhor que saiba a verdade desde logo.

– Então, devo ir-me embora – disse Débora, receando que Rod caísse também em mãos desses homens desconhecidos.

– Oh! Não tenha pressa... Aqui estará muito bem. Precisamos de uma mulher. . . e não podíamos sonhar que fosse tão bonita quanto você – exclamou Muller.

A jovem trazia um "Colt" ao lado e calculava que possibilidades de êxito teria contra eles.

– Desarme-a. Toison! – gritou Muller.

Isso afastava qualquer oportunidade e Débora quis replicar à altura, mas Toison estava muito próximo.

Abraçou-se a ela quando percebeu sua intenção, impedindo-lhe qualquer movimento.

– Não, irmã, isso não – disse com um sotaque que denunciava sua procedência do Canadá.

Muller e Goldmist riam-se dos esforços dela.

– Tem mais força do que imaginam – disse Toison – Miserável, mordeu-me!

Os outros dois acudiram em auxílio de Toison, subjugando Débora com inaudita crueldade.

– Vai ficar aqui conosco e aconselho-a a tomar mais juízo. Será melhor para você. Muito melhor!

Dizendo isto. Muller beijou a jovem.

Não podendo esbofeteá-lo por estar bem segura, cuspiu no rosto de Muller e em resposta recebeu vários tapas no rosto.

– Eu a domarei. Aprenderá a conhecer Muller – gritou, furioso, enquanto continuava a espancá-la.

– São três covardes! – disse ela. – Três coiotes! Afinal, extenuada, deixou de lutar.

O sangue escorria pelo canto de seus lábios. Com as mãos amarradas às costas, bem como as pernas, deixaram-na cair sobre um leito de peles empilhadas.

– Logo encarregar-me-ei de você – disse Muller. Com os olhos, Débora seguia os movimentos dos três. Olhavam para o exterior frequentemente e ela começou a temer por Rod.

Se ele chegasse tão confiante como ela, seria também amarrado e morto pouco depois.

Apesar da difícil situação em que se encontrava, isto a preocupava muito mais.

Toison fitou Muller de modo especial e disse:

– Quero avisá-lo de que não admito primazia de ninguém. Esta mulher tanto pertence a você como a mim ou a ele – e apontou para Goldmist.

Muller virou-se como se tivesse ouvido um lobo uivar às suas costas. Com os olhos desorbitados, gritou:

– Vá embora daqui! Não gostaria de perder a paciência!

– Não se exalte Muller. A mim é que não assusta. Sei que é um mestiço como eu. Tem

sangue de índio, mas os trairia várias vezes se isso lhe fosse conveniente. Assassinou friamente do outro lado da fronteira... Sei de tudo isso e torno a dizer que não me assusta. Juntei-me a vocês, com a condição de que nenhum de nós fosse mais que os outros. Somos todos iguais! Você agora falou como se fosse o chefe!

— Que acha você, Goldmist? — disse Muller como resposta.

As armas apareceram nas mãos de Toison.

— Sim — disse este. — O que opina você? Como vê Muller, não pretendo deixar-me surpreender.

Goldmist olhou para Muller e depois para Toison.

— Acho que não devem perder a calma. Enquanto estivermos unidos, tudo irá bem, mas se houver brigas entre nós, não será preciso que a Polícia Montada chegue até aqui.

– Não respondeu – gritou Toison em voz firme. – Precisamos saber o que pensa sobre o problema.

– Bem, acho. . . que. . . ninguém deve mandar em ninguém.

Muller fulminou-o com o olhar, enquanto Toison se ria com vontade.

– Não receie – disse. – Falou assim ao ver-me armado. Está pronto a obedecer às suas ordens... Nasceu para obedecer.

– Em um grupo deve haver um cérebro que dirija. . .

– E por que justamente o seu? – perguntou Toison. – Precisaríamos decidir entre os três.

– Então, deixemos o assunto pendente até que os outros regressem – disse Muller.

– Não. Eu o conheço bem. Assim que possa, atirará em mim, embora esteja de costas. Vou levar essa moça comigo. Ah, mas antes vou desarmá-los. Não confio em nenhum. Goldmist

sempre o ajudou. Levantem bem os braços; quanto mais alto melhor. Aviso que sou muito nervoso... se me assustam, atiro para matar.

Os outros dois assim entenderam, a julgar pela quietude que conservaram.

Toison tirou habilmente as armas dos dois.

— Agora, de costas — ordenou. — Vou amarrá-los, os outros não tardarão a chegar.

Fez o que anunciou.

Depois desamarrou Débora, dizendo:

— Deve perdoar o que aconteceu... Vamos embora para longe daqui. Nenhum desses dois saberia tratá-la como merece uma dama.

A amabilidade forçada de Toison produziu na jovem um efeito pior que as bofetadas de Muller e, embora parecesse estranho, preferiria ficar entre os três que ir embora, sozinha com o mestiço.

Contudo, não podia opor-se. Esperava conseguir uma oportunidade para fugir, durante a viagem que sem dúvida realizariam.

– Vamos – disse Toison. – Caminhe na frente, sem fazer nenhuma tolice. O fato de ser mulher não indica que as balas a respeitem.

A voz de Toison provocava uma estranha sensação em Débora, fazendo-a obedecer com medo.

– Isto é um crime – disse Muller. – Morreremos de fome...

– Não será difícil desamarrarem-se um ao outro – replicou o mestiço. – E os companheiros não demorarão.

– Não o ofendi tanto para que fizesse isto. Ter-lhe-ia cedido a moça.

– Está mentindo, Muller – respondeu Toison. – Você nunca faria isso. Queria-a para si. Não me engana! Vamos, menina.

Débora obedeceu. Começou a andar e seu cérebro trabalhava com afinco, procurando uma solução.

CAPÍTULO VI

Avistando a luz, Rod aproximou-se da cabana com infinitos cuidados.

A cocheira estava vazia.

Toison levara os cavalos de Muller e Goldmist a fim de atrasar a perseguição que certamente iniciariam, assim que ficassem livres.

Rod aproximou-se, arrastando-se como um índio. Ouvia o rumor de vozes e isto veio aumentar as precauções que tomara.

Rod espiou por uma fresta da janela e não deu crédito ao que via.

Ali estavam Muller e Goldmist amarrados de mãos às costas, tentando libertar-se mutuamente, mas Toison provara que sabia amarrar.

Convencido de que na cabana não havia ninguém mais além deles dois, Rod resolveu entrar.

Empurrou a porta empunhando as armas, apesar de tudo.

Muller e Goldmist fitaram-no surpreendidos.

– Obrigado, seja lá quem for – disse Muller. – Deixaram-nos amarrados há muitas horas.

– Foram uns ladrões – continuou Goldmist.

– Que faziam aqui? – perguntou Rod.

– Fomos trazidos de longe. Caminhávamos, quando caíram sobre nós...

– Quem eram?

– Não sei – respondeu Muller. – Pelo que falavam, certamente assassinaram um caçador e roubaram suas peles.

Rod caiu na armadilha.

Isso era lógico e a situação em que se encontravam, provava que diziam a verdade.

Cortou suas ligaduras e libertou-os.

Estavam com os punhos feridos devido ao forcejar pela liberdade, dando a impressão de

que estavam presos havia mais tempo do que diziam.

– Obrigado, rapaz. Mora por aqui? É caçador, não? – perguntou Goldmist.

– Sim.

– Isso da morte de caçador é certo? – perguntou a Muller.

– Sim. E roubaram suas peles...

– Covardes! Então foi por isso que não apareceu em Chinook... Pobre "Ruivo"!

– Haveremos de rastreá-los – exclamou Goldmist.

– Agora seria perda de tempo. Será melhor durante o dia – disse Rod. – Podem esperar aqui...

– Você também deve dormir... Aproveitarei para colocar algumas armadilhas.

– Dê-nos uma de suas armas... Poderão voltar... – disse Muller.

– Não creio que o façam. Não gosto de separar-me de meus "Colts" e ficando aqui não precisam de armas.

Para Rod, havia algo que não se enquadrava bem naquele estranho quebra-cabeças.

Por um momento refletiu no fato esquisito de não terem assassinado aqueles dois, quando não hesitaram em liquidar "o Ruivo".

Achava tudo muito confuso.

Muller não se atreveu a insistir.

– Vieram de muito longe? – perguntou Rod com ar indiferente.

– Sim – replicou Muller.

– E seus cavalos?

– Deixamos na cocheira – respondeu Goldmist. – Isto é, deixaram-nos lá, assim que chegamos.

Rod fitou Goldmist com interesse. Muller olhou para o companheiro, aborrecido. Cometera uma tolice.

– Na cocheira não há cavalo algum – acrescentou Rod. – Apenas o meu. – Miseráveis coiotes! Aquele Toison é um porco! Mestiço dos infernos! – gritou Muller.

– Pensei que não conhecessem seus captos. Acho tudo isso muito estranho!

– Ouvimos quando os outros mencionavam seu nome – chegara a vez de Goldmist ajeitar as coisas.

Isso era plausível.

Contudo, a suspeita avolumava-se no cérebro de Rod. Goldmist movimentou-se de modo a aumentá-la mais.

– Será melhor – disse Rod, – não ficar às minhas costas. Eu poderia desconfiar e ser obrigado a atirar.

– Acho que não acredita em nós – protestou Muller.

– No entanto, bem viu como estávamos.

Rod ficou em silêncio, arrependido de tê-los libertado.

– Vou colocar algumas armadilhas e acho prudente não saírem daqui. Lá fora, todos os vultos me parecem perigosos.

Rod já ia sair, quando olhou para um dos cantos da cabana. Ali havia alguns rifles apoiados à parede.

Já não tinha mais dúvidas de que fora ludibriado.

Aproximou-se deles, contemplado pelos dois homens. Verificou que estavam carregados e perguntou:

– De quem são estas armas?

– Não sei. Nem sabíamos que estavam aí. Devem ser deles – replicou Muller, serenamente.

Sua aparente calma enganou a Rod.

Deitou os dois rifles sobre o ombro e saiu.

Muller e Goldmist entreolharam-se em silêncio, ambos receando que Rod estivesse à escuta.

Com o olhar, Muller indicou a janela a Goldmist e disse:

– Não posso dormir com a luz.

Apagou o candeeiro que iluminava, vacilante, a cabana.

Rod estava realmente escutando o que diziam.

Ouvindo Muller, afastou-se da porta e resolveu vigiar também a janela.

Contudo, passou-se uma hora sem novidade.

Muller e Goldmist estavam postados atrás da porta, dispostos a cair sobre Rod, mal ele penetrasse na cabana.

Quando a claridade do novo dia despontou entre as montanhas, Rod vigiou com mais atenção.

– Com certeza foi mesmo colocar laços e armadilhas – disse Goldmist.

– Não pense nisso. Está vigiando à porta. Fizemos uma série de tolices.

– Teria então atirado em nós – replicou Goldmist.

– Vou assomar à porta.

Goldmist abriu à porta, espreguiçando-se como se tivesse acabado de despertar.

Perscrutou as redondezas, sem distinguir Rod.

– O rapaz certamente abandonou-nos também – disse em voz alta. – Não acreditou em nós e agora, sem cavalos, teremos dificuldade em caminhar. Não conhecemos a direção a tomar para chegar a uma cidade.

– Poderemos seguir o curso do rio. Logo encontraremos algum povoado.

– E que faremos sem dinheiro?

Muller e Goldmist falavam assim, certos de que Rod os ouviria no que não estavam enganados.

Contudo, foi justamente isso que pareceu mais suspeito ao rapaz, pois falavam alto demais, sem necessidade.

Já ia apresentar-se para dizer-lhes que tinham perdido o tempo e que os levaria amarrados até Chinook, quando ouviu um rumor de vozes.

Várias pessoas aproximavam-se e tal circunstância significava um belo contratempo.

Conversando entre si, aproximavam-se três homens desconhecidos para Rod.

Deslizando com o cuidado usado na noite precedente, dirigiu-se para a cocheira.

Agora não tinha dúvidas de que se tratava de um bando de ladrões.

Contudo, não dispunha de provas que lhe dessem esmagadora segurança para que agisse com energia.

Atirar à traição era contra sua maneira de pensar, mesmo em se tratando de assassinos. Ainda mais no caso presente, ainda sem suspeitas concretas.

Chegou à cocheira e encontrou mais três cavalos além dos seus.

Não refletiu muito tempo. Puxou os cinco animais, desceu com eles e procurou a parte mais tenra do terreno, a fim de não ser ouvido pelos homens na cabana.

Enquanto Rod continuava a afastar-se, os visitantes conversavam com Muller e Goldmist.

Os dois contaram o sucedido e um dos recém-chegados confirmou:

– Sim. Seus cavalos estão na cocheira. Não um, mas dois. Devem estar vigiando esta cabana.

– E com nossos rifles – comentou. Muller.

– Não poderemos sair daqui.

– E se realmente estivessem colocando ou recolhendo as armadilhas... – começou Goldmist.

– Seja lá como for, não partiu. Está aqui – disse Muller. – E meterão um pouco de chumbo no corpo do primeiro que sair agora.

Discutiram muito e a dúvida impregnada na mente de todos impediu que tivessem coragem suficiente para sair.

Nenhum queria ser o primeiro. Quanto mais passava o tempo, mais aumentava o medo.

Queriam sair para rastrear Toison e foi Muller quem algumas horas mais tarde, saiu à porta e caminhou com indiferença, afastando-se pouco a pouco.

Os minutos passaram sem que se ouvisse o disparo temido e os outros o imitaram, cada um com seu "Colt". Também Muller levava um revólver pendurado do lado esquerdo.

Moveram-se com naturalidade, até que Muller disse em voz alta:

– Já perdemos muito tempo. Talvez aquele caçador muito alto tenha sido vítima de uma cilada de Toison, o qual não devia estar muito distante.

– Vamos rastrear Toison – gritou Goldmist. Começou a procurar os rastros, inconfundíveis quanto a Débora, mas, sabendo que Toison levava os cavalos, a perseguição deveria iniciar-se a partir da cocheira.

Foram todos, agora precipitadamente para lá.

As pragas e maldições misturavam-se às ameaças.

– Que faremos sem cavalos? – perguntou Muller em voz alta, apesar de dirigir-se mais a si mesmo que aos outros:

– Não poderemos ficar aqui por muito tempo – replicou seu companheiro. Aquele compridão é capaz de voltar com um grupo de vaqueiros dispostos a levar-nos para a cidade e ajustar-nos umas gravatas de cânhamo.

– Acharão suspeito, vendo-nos chegar a pé – disse Muller.

– O rapaz falou de Chinook; logo, iremos em outra direção.

– Existirão outros caçadores nestas montanhas. Deveremos prosseguir por elas e encontrar mais peles – disse um dos ultimamente chegados.

Foi seguida sua sugestão.

Por seu turno, Rod caminhava para sua cabana, não muito distante se continuasse pelas montanhas, sem descer à planície.

Isso significava ter que levar os animais pelas rédeas.

O rio e o mais alto pico das montanhas, serviram-lhe como ponto de referência na direção desejada.

Contudo, não estava satisfeito.

Começou a despontar em seu cérebro a convicção de que aqueles homens eram os assassinos do "Ruivo" e assim, depois de muita luta consigo mesmo, resolveu voltar, deixando os cavalos ali.

Ficaria num lugar onde pudesse observar os cinco sem ser descoberto.

Por isso, quando os homens aceitaram a proposta de continuar a marcha pelas montanhas e se puseram a caminho, Rod já os vigiava.

Vira quando saíram correndo para a cocheira e imaginou o que diriam, rindo-se francamente.

Estava cada vez mais certo de que se tratava de um grupo de celerados provenientes do Canadá, cujas fronteiras teriam cruzado, perseguidos por seus crimes.

Tinha vontade de atirar com o rifle, mas no mesmo momento desistia da idéia.

Descer e provocá-los, além de estupidez, seria suicídio. Se eram os assassinos do "Ruivo", não mereciam a menor consideração.

Achou esquisito que não caminhassem para a planície.

Sabia, por intermédio de Pagge, que existiam outros caçadores que vendiam suas peles na mesma feitoria, e que deveriam ter suas vivendas ou refúgios na mesma montanha habitada por ele.

Começou a temer que aquele grupo se abatesse sobre outra vítima. Se tal acontecesse, po-

dia considerar-se responsável por qualquer morte que ocorresse.

Com a mente ocupada por tais pensamentos, apontou o rifle várias vezes e outras tantas desistiu de atirar.

Era mais forte que ele. Não podia atirar assim.

Apesar das aparências, talvez estivesse enganado. Dominado por tantas dúvidas e incertezas, viu a noite chegar.

Rod ia bem longe deles, pois não queria seguir sem montaria.

Durante a noite, em meio aos inquietantes pensamentos que o dominavam, decidiu ir em busca dos outros cavalos e retornar à sua cabana.

Esperou que o dia clareasse.

Então, não viu mais os cinco. Apesar de ser noite, deveriam ter continuado a caminhar.

No fundo, alegrou-se com o fato, como se com isso encontrasse justificativa para sua decisão.

Refletiu depois que, unidos esses cinco aos que encontrara em Chinook e que lhe tinham roubado as peles, isso provava a existência de uma numerosa quadrilha dedicada ao frutuoso negócio do roubo.

Caminhou sem pressa, com os cavalos seguros pela rédea, sem preocupar-se com os cinco que iam na frente, em outra direção.

Ele ia um pouco mais para oeste, seguindo o serpentear prateado do rio Milk.

Os outros iam mais para o sul, como se quisessem conscientemente afastar-se da fronteira canadense.

CAPÍTULO VII

O caminhar lento, imposto pela necessidade de atender aos cinco animais, obrigou-o a levar vários dias a aproximar-se de sua cabana.

Quando já estava bem perto, descobriu que sua vivenda deitava fumaça, indício de que estava ou fora ocupada pouco antes.

Franziu o cenho apertou os punhos e parou os animais.

Teriam aqueles homens mudado de direção e chegado antes?

Agora conhecia o terreno perfeitamente e durante a noite não lhe seria difícil aproximar-se para descobrir o que realmente havia.

A coluna de fumo aumentou de intensidade, sinal evidente de que estava ocupada.

Ainda não avistava a cabana, mas sabia que era dela que saía a fumaça.

Até o escurecer, as horas arrastaram-se como séculos. Mal caiu a noite, pôs-se a caminho, deixando os cavalos ali.

Ao chegar bem perto da cabana, arrastou-se como serpente.

Não escutava nenhum ruído além do produzido pela lenha ao consumir-se.

Um agradável aroma de carne assada e toucinho espalhava-se pelo ar.

A porta estava fechada e Rod sabia perfeitamente o quanto rangia cada vez que se abria.

Colocou-se sob a janela e foi levantando a cabeça pouco a pouco. Por uma fresta, avistou um homem inclinado para o lume vigiando a comida que preparava. Observou-o durante alguns minutos, certificando-se de que não o conhecia.

Sem saber o que fazer, repentinamente ouviu o relincho de um cavalo.

Rod escondeu-se, vendo como o homem corria para à porta com um rifle que tinha a seu lado, perto da lareira.

A porta rangeu e o desconhecido avançou uns passos.

– Atire esse rifle ou disparo! – gritou Rod, pulando para um lado.

O homem do rifle ouviu o salto e isto indicou-lhe que seria tolice tentar caçar alguém. Obedeceu e levantou as mãos. Rod via-o perfeitamente.

– Não se mova nem tente coisa alguma. Não compreendo por que ocupa minha cabana. Não existem mais peles. Acabo de vender a última partida em Chinook e creio que você sabe disso, já que deve ser um dos que me roubaram.

O desconhecido começou a rir e disse:

– Que bom susto levei. Pensei que fosse outro.

Rod percebeu o sotaque com que falava e lembrou-se dos outros homens. Lembrou-se

também dos amarrados e julgou ser este o autor da façanha, chegando à conclusão de que seria um deles.

– Não compreendo o motivo de sua risada nem que o fato de eu ser quem sou lhe traga tranquilidade. Roubaram minhas peles, apesar de eu tê-las encontrado em casa de Staford.

– Não estou metido nisso, pode estar certo. Estou, isto é verdade, na pista de uns vermes que vieram de Davidson, ao norte de Saskatchewan... Talvez tenham sido eles os ladrões de suas peles. Perdi suas pegadas há muito, mas vinham na direção destas montanhas.

– Não me deixarei enganar.

– Desarme-me e ficará mais tranquilo. Se preferir, pode amarrar-me e então conversaremos. Meu nome é Bowery, Alan Bowery e sou conhecido no sul de Alberta. O sargento Bowery... nunca ouviu falar de mim? Meus quase dois metros são famosos. Sei que também me chamam de "o Vingativo". Talvez estejam com a

razão. Deixei a túnica vermelha e a equipagem da Polícia Montada para entrar neste país, onde não posso contar com o auxílio da Lei. Acontece que não estou disposto a deixar que esses criminosos escapem... Você não é um deles. Ter-me-ia reconhecido imediatamente e não hesitaria em atirar. Seja você quem for, não receie nada de mim... Rod ouvia uma linguagem sincera e segura.

— Está bem. Desça as mãos. Acho que é verdade. Vi há não muito tempo alguns desses homens e foram eles que me roubaram as peles. Entre.

O sargento Bowery obedeceu.

Uma vez na cabana, estendeu sua mão a Rod, dizendo:

— Você foi o único homem que já olhei nos olhos sem precisar baixar os meus. Acho que ainda é mais alto que eu.

— Será muito pouca diferença. Meu nome é Rod Werther, caçador... — respondeu Rod, aper-

tando a mão que o sargento lhe estendia, sorrindo.

– Tive muita sorte em ser você quem me surpreendesse. Se fosse um deles...

– Tem-lhes tanto ódio a ponto de entrar neste país à sua procura?

– E não descansarei enquanto não matar todos eles, coisa impossível no Canadá, onde teria que entregá-los para um julgamento... Como fiquei satisfeito ao rastrear suas pegadas, vendo que entravam em Montana! Aqui não sou sargento da Polícia Montana, mas apenas um Vingador... e hei de sair-me muito bem, na tarefa... Contudo, cometi uma asneira que não se repetirá. Poderia ter sido surpreendido por eles. Não tornarei a ficar em alguma cabana.

– Nem deve permitir que a fumaça o denuncie – disse Rod. – Senti o aroma de uma boa carne um saboroso toucinho. Estou faminto.

Os dois sentaram-se para comer, parecendo que já se conheciam havia muito.

Rod narrou o que sucedera na cabana do "Ruivo".

Bowery pediu as características dos amarrados e dos outros.

Rod pôde dar apenas as dos que libertara, os quais havia examinado detidamente.

— São Muller e Goldmist — disse Bowery.

— Talvez os piores, bem como o mestiço Toison.

— Falaram sobre ele. Sim, lembro-me bem. Insultaram-no assim que eu informei não ter encontrado cavalos na cocheira.

— Certamente foi Toison quem os amarrou. É o mais rebelde e perigoso de todos, embora Muller seja o mais assassino. O mestiço uniu-se a eles pouco antes de sair de Alberta. São responsáveis por crimes diferentes. O mestiço chefiava uma revolta, em combinação com os índios e outros mestiços. Foi ladrão de peles e antes, condutor de trenós por conta da Companhia da Baía de Hudson. É um profundo conhecedor do Norte e homem muito útil em casos de tempestades. É

acusado da morte de um feitor de certo posto peleiteiro no lago dos Ursos. Para mim, os outros são piores! Esse Muller, com outros amigos, assassinaram um companheiro meu nas proximidades de Manitoba. Atiraram nele de surpresa, num "saloon". Haviam roubado um trenó com um carregamento de ricas peles que venderam em Regina, muito longe de Manitoba, depois de matarem seus donos. Há dois meses que venho seguindo sua pista sem descanso. Hei de encontrá-los!

– Estão nas montanhas. Trouxe seus cavalos comigo.

– Mataram mais dois outros da Montada, perto de Mapple Creek. Usando seus uniforme, conseguiram enganar o feitor de GoVenlock, roubando-lhe todo o dinheiro que possuía. Por isso cruzaram a fronteira, considerando-se seguros do lado de cá. Talvez isso me custe a vida, mas não importa. Hei de vingar os companhei-

ros mortos, principalmente meu amigo Mac Donald... Era um escocês magnífico!

– Não será muito difícil encontrá-los nestas montanhas. Usando meus potentes binóculos, poderá perscrutar tudo, postado num bom observatório. Iam para Havre. Talvez os encontremos.

Bowery fitou Rod surpreendido.

– Sim. Vou ajudá-lo. Não me olhe assim. Assassinaram um caçador e não me perdoou por não tê-los castigado por uma série de hesitações ridículas, quando estiveram em minhas mãos. Procurarei sanar esse erro, ajudando-o.

– E eu o ajudarei na caça. É um assunto que conheço bem.

– Será meu sócio.

– Obrigado.

– Iremos a Chinook. Algum deles devem andar por lá. Conseguiremos informações com Pagge. Tem cavalos?

– Sim, um da Montada. Suas marcas são conhecidas por todos esses vermes.

– Não se preocupe. Dar-lhe-ei o outro que tenho ou um dos que eles levavam – disse Rod.

– Serão cavalos roubados. Isso é perigoso – disse Bowery.

– Tem razão.

Bowery auxiliou a descarregar o cavalo que montaria daí em diante.

Quando tudo já estava na cabana, Bowery comentou:

– Você é um caçador muito estranho. Lê livros que não estão ao alcance de qualquer um. Lembram-me meus tempos de Oxford... O espírito aventureiro impeliu-me para o Canadá, mas toda a minha família vivi em Londres.

Rod ficou em silêncio. Após alguns minutos, falou:

– Nos rigores do inverno, estes livros são bons companheiros.

– Que fazia antes de caçar?

– Era vaqueiro. Bowery não insistiu.

Observava Rod com interesse, mas compreendeu que ele não queria falar de seu passado. Mudou de assunto.

– Que faremos com estes cavalos? – perguntou Bowery.

– Podemos soltá-los por aí. Não irão longe, pois os pastos são abundantes e a cocheira tem provisões. Isso impedirá que desapareçam.

Bowery concordou.

Prepararam os animais que levariam e Rod replicou às palavras do sargento:

– Nada tema. Não estão fatigados. Viemos devagar e caminhei mais tempo a pé que montado.

Isso tranquilizou o sargento.

Colocaram um rifle em cada animal e, com Rod guiando, marcharam para Chinook.

Uma vez no povoado, visitaram Pagge. Salmson, sua filha Lucy e John Gordon ainda estavam lá.

Rod mostrou-se educado, mas frio para com estes.

Bowery apresentou-se como caçador e dedicou muita atenção a Lucy que, sentida pela frieza de Rod, chegou a ser carinhosa para com o novo caçador, sem levar em conta os protestos de Gordon.

Rod sorria, percebendo as manobras de Lucy.

— Débora o encontrou? — perguntou Pagge. — Saiu atrás de você, disposta a alcançá-lo.

— Não. Não a vi — responde Rod, preocupado. — Talvez tenha ido para Havre.

— Não está lá. Justamente hoje chegaram dois vaquemos e perguntei-lhes por ela, obtendo resposta negativa. Traziam para ela um recado do pastor com quem reside. A mulher dele pediu-lhe para voltar com os vaqueiros. Não se sente bem e Débora faz falta em casa.

– Então não compreendo! – exclamou Rod.

– Certamente encontrou outro caçador mais atraente – comentou Lucy de má fé.

Rod fitou-a sem replicar.

– Algo deve ter acontecido a ela – acrescentou Pagge.

– Você ensinou-lhe a direção da cabana do "Ruivo"?

– Sim. Com todos os detalhes.

Sem saber por quê. Rod pensou na partida do mestiço da cabana, deixando os dois companheiros amarrados.

– Terei que ir buscá-la – disse. – Mas na cabana do "Ruivo" não estava.

– São muitos dias para rastrear – disse Pagge, – mas o cavalo que ela montava tem uma defeito numa das ferraduras, o qual é bem visível.

Rod pediu detalhes sobre esse defeito.

– Espere-me aqui, Alan – disse ao sargento. Esse pedira-lhe que não o chamasse de Bowersy.

Apenas Alan, para não Indicar aos perseguidos sua presença ali.

Rod deixou a feitoria e acrescentou para Alan que estava a seu lado:

– Vigie aqui embora não julgue que aquele mestiço venha com Débora a Chinook.

– Pode partir tranquilo – respondeu o sargento em despedida.

Alan voltou à feitoria, onde passaria algumas horas e Salmson pediu-lhe detalhes sobre a caça, já que para todos o sargento passava por caçador, enquanto Lucy tornou-se sua amiga a fim de solicitar-lhe notícias de Rod...

A jovem pediu-lhe que a acompanhasse num passeio, fazendo ouvidos moucos aos protestos de Gordon.

– Seu amigo ficou muito aborrecido – dizia Alan a ela, ao saírem para o campo, seguindo a margem do rio.

– Pouco importa. São coisas de meu pai. Quer que eu me case com ele e por isso forçou nosso noivado no Este. Pedi para fazer esta viagem com eles, tentando convencer-me de que na realidade estava apaixonada por Gordon, mas pouco a pouco fui verificando o contrário. Não é como o imaginei. Iludia-me, como acho que também ilude a meu pai e ao resto da Companhia.

Alan sorria, refletindo que tudo isto seria devido a algum aborrecimento que tivera com Gordon, por qualquer motivo.

Mudou de opinião quando Gordon foi-lhes ao encontro duas horas mais tarde, declarando:

– Não compreendo Lucy, como é que gosta tanto de passear com caçadores. Se sua intenção é irritar-me perde seu tempo. Lembre-se de que sempre consigo o que desejo e você é uma das coisas que resolvi possuir. Declaro na frente

deste idiota que se deixou enredar por seus me-
neios.

Alan olhou para, Gordon, mas Lucy não lhe
deu tempo de responder.

– Durante este passeio, falei a Alan coisas
que não pude falar a você em dois anos. Você só
sabe conversar a respeito de peles e dinheiro.
Chega a ser curioso que, quem eu julguei um ca-
valheiro por vestir-se como tal, tenha mentali-
dade de ambicioso e o vestido de caçador se te-
nha apresentado como um verdadeiro cavalhei-
ro...

Alan sorria, vendo o furor estampado no
rosto de Gordon.

– Vim com Alan, não se esqueça!

– Mas é minha noiva e seus atos devem
honrar tal compromisso.

– Peço-lhe para provar que sua roupa de
cavalheiro não é um disfarce.

Gordon recebeu a indireta, grunhindo.

– Ofende-me na frente de um desconhecido, um selvagem!

– O qual lhe permite ganhar muitos dólares com suas selvajarias – replicou Lucy. – Eles é que deveriam receber os polpudos lucros que vocês amealham.

– Se seu pai a ouvisse!

– Não seria a primeira vez. Também já lhe disse o mesmo.

– Não devem brigar por minha causa – disse Alan por fim.

– Não se preocupe, não é por você. Acontece que nossos gênios não combinam – acrescentou Lucy. – Gosto de conversar com você e não deve fazer o jogo de Gordon, evitando acompanhar-me. Embora em companhia de dois homens, sinto-me muito só. Estou farta de ouvir falar sempre no mesmo assunto. Farta!

– Não tornarão a sair juntos, porque eu o proíbo. Deixaremos de comprar suas peles – ameaçou Gordon.

— Vocês não são os únicos compradores — respondeu Alan. — Se as levarmos a Saint-Louis, conseguiremos melhor preço.

— Também não poderão vender lá e seriam acusados de ladrões. Estou avisando francamente!

— Precisaria prová-lo.

— Para mim é muito simples.

— Está conhecendo quem é meu noivo, Alan? Que acha?

— Acho que você tinha razão — foi a resposta. — Vamos. — gritou para Lucy.

A fim de evitar a briga entre os dois, Lucy replicou:

— Amanhã passearemos novamente — e partiu com Gordon.

Vendo-os ir, Alan percebeu porque Lucy não podia combinar com aquele homem.

CAPÍTULO VIII

Toison vigiou Débora atentamente nas primeiras horas fazendo-a caminhar à sua frente.

Contudo, Débora percebeu que ele não conhecia o terreno e receava o aparecimento de alguém, por trás de cada grupo de rochas ou árvores.

Quando pararam para descansar, Toison amarrou a jovem.

– Devia ser-me grata e mostrar-se mais atenciosa para comigo – disse ele.

Ela continuou no mesmo silêncio de desde que saíra da cabana.

– Vou amarrá-la porque não confio em você. Quero descansar, pois estou extenuado. Encontraremos logo alguma cidade. Não poderei entrar com você, mas obrigarei o pastor a casar-nos. Assim não terá tantos escrúpulos e verá que minhas intenções são boas.

O mesmo silêncio da parte de Débora.

— Será que não vai falar? — gritou ele, exasperado.

Após amarrá-la, Toison preparou a comida e ofereceu à moça que não recusou, pois precisava ter as mãos livres.

Contudo, assim que terminou de comer, Toison tornou a atá-la, diminuindo suas esperanças de conseguir fugir.

Assim passaram-se dois dias.

Ela sabia que Toison estava perdido num labirinto de montanhas, vales e canyons, do que ainda não se apercebera.

No dia seguinte, após amarrá-la, cobriu o rosto da jovem de beijos, mas ela defendeu-se com os dentes e pernas que, embora amarradas, podia mover juntas.

Toison ria de tal modo que Débora ficou com medo.

– Logo ficará mais calma – disse o mestiço – e compreenderá que é inútil lutar contra mim.

Estavam sobre uma montanha que ele escalara para de lá orientar-se melhor.

Contudo, avistou apenas outras montanhas iguais e várias outras mais altas, cercanda-a.

– Você tem que saber onde existe alguma cidade! Fale!

O obstinado silêncio de Débora deixava-o desesperado.

Começou a insultá-la em índio, sempre com idêntico fim.

Furioso, trocou as carícias, ou o arremedo delas, por pancadas.

Enquanto Toison dormia, Débora deitou, com a boca, uma boa quantidade de folhas verdes sobre a fogueira e em seguida aproximou suas ligaduras das chamas.

Por fim, colocou o corpo sobre a fogueira várias vezes.

Despertando e surpreendendo-a, Toison pulou de seu leito de mantas, espancou-a cruelmente e disse:

– Antes de poder soltar-se, queimaria as mãos inteiramente. Bem, agora pode continuar. Gostaria de presenciar suas tentativas para queimar as cordas sem atingir as mãos.

Mas Débora permaneceu quieta no solo.

Toison verificou que apenas as cordas das pernas estavam um pouco chamuscadas.

Decidira caminhar à noite, aproveitando a magnífica lua, a fim de não ser descoberto por caçadores ou vaqueiros.

Pelo mesmo motivo, fugiram de vários ranchos.

Rod chegou a cabana do "Ruivo" com infinito cuidado, mas nela não havia ninguém.

Após tanto tempo transcorrido, não foi fácil encontrar as marcas do cavalo montado por Débora.

Ainda mais difícil foi segui-las, mas conseguiu.

No terreno seco e empoeirado, as marcas das patas conservavam-se com bastante clareza, mas não compreendia o ziguezaguear formado por elas.

Não levavam a nenhuma das cidades maiores.

Por várias vezes encontrou os restos de fogueiras preparadas por Toison, verificando também a existência dos rastros de duas pessoas apenas, uma delas sendo Débora, donde chegou à firme conclusão de que o mestiço a levava consigo.

Estava certo de que a jovem fora obrigada e por isso estava ansioso por alcançá-los.

Afinal encontrou restos de uma fogueira ainda quente, sinal de que já estava bem próximo deles.

Podia rastrear apenas durante o dia.

Teve a atenção despertada para a fumaça que viu aparecer no alto de uma montanha não muito distante e, as intermitências daquela fumaça trouxeram-lhe à mente os sinais índios.

Em sua linguagem, os sinais significavam uma chamada urgente.

Rod sabia que existiam alguns grupos isolados do resto do acampamento de Nez-Percé entregue pouco antes aos militares das Bitterriots, montanhas na fronteira de Montana com Idaho, mas os rebeldes haviam subido para o norte, tentando reunir-se a seus irmãos de raça no Canadá.

Tais sinais levaram-no de volta a tempos passados, nos quais sua imaginação deleitava-se frequentemente, embora a contragosto.

Caminhou, orientado pela fumaça. Agora a coluna volátil elevava-se reta sem nenhuma dificuldade.

Estacou de repente.

Das montanhas localizadas nas nascentes do arroio Ijodge, o qual jogava suas águas ao Milk já perto de Chinook, repetiram-se os mesmos sinais de fumaça.

Isso significava uma resposta.

Já não havia dúvida de que o resto das tão procuradas hostes de Nez-Percé, estava por ali.

Obrigou seu cavalo a galopar quando o terreno o permitia, em direção aos sinais de fumaça que ficavam mais próximos.

Toison também avistou os sinais e, fitando Débora, grunhiu:

— Você não tentaria salvar-se. Fez sinais de chamada. Eis a resposta. Traidora, covarde! Eu a ensinarei!

Parou o discurso.

Outros sinais elevavam-se bem mais próximos deles. Toison emudeceu, percebendo que estava cercado de inimigos.

— São índios! — gritou para Débora. — Você é amiga deles. Quando checarem, não a en-

contrarão comigo. Direi que fui eu quem os chamou e...

– E meus rastros – perguntou Débora, – poderá apagá-los? Os índios sabem lê-los muito bem.

Isso era verdade e Toison bem o sabia. Ele mesmo seria capaz de segui-la através da lava de um vulcão.

– Bem – disse, parecendo tomar uma decisão. – Você será encontrada amarrada, mas eu estarei bem longe. Levarei seu cavalo, que é o melhor. Talvez seja melhor matá-la.

– Se matar-me, não conseguirá fugir ao castigo. Será salvo apenas se fugir sem molestar-me.

– Maldita! – uivou o índio.

– Se matar-me e eles descobrirem que traiu a própria raça – continuou ela no idioma índio – não haverá salvação para você, embora galope sem cessar, dia e noite.

Toison fitou Débora com surpresa.

– Pensei que não conhecesse o idioma de meus antepassados.

– Se quer salvar a vida, fuja logo. Os cavaleiros já devem estar em movimento – acrescentou Débora.

Foi o que Toison fez.

Contemplou a jovem e lutou entre deixá-la solta ou atada.

Imaginando diminuir o ódio dos índios, preferiu libertá-la, após matar os outros cavalos.

Quando Toison partiu, ela reanimou a fogueira e fez novos sinais, tapando-a várias vezes com a manta que servira de leito a Toison.

Como o mestiço, Rod também vira a resposta aos sinais anteriores e não podia imaginar que tinham sido feitos justamente pela mulher que procurava.

Não queria encencas com os índios e estava certo de que aquilo era obra deles.

Conhecendo seus costumes perfeitamente, não atinava com o motivo de tão urgente chamada.

O problema dos índios já terminara em toda essa parte da União e os rebeldes da partida de Nez-Percé empenhavam-se apenas em fugir para o norte, com algumas ações isoladas contra caravanas, ranchos ou acampamentos mineiros.

Procurou um posto de observação de onde dominasse a passagem obrigatória dos índios que tinham respondido ao sinal do norte.

Pouco depois, avistou as novas senhas feitas por Débora.

Quando atingiu a elevação que desejava, avistou o avanço, ainda longe, de um grupo de cavaleiros mais numeroso do que poderia imaginar.

Franziu o cenho, imaginando que as autoridades de Washingtwn estavam certamente bem informadas.

O bando rebelde era bem mais importante do que a imprensa declarara.

O grupo de cavaleiros que avançava com sua característica rapidez, não seria inferior a cem.

Ficou contemplando a cena por muito tempo.

Finalmente distinguiu que todos eles levavam rifles, o que implicava em sério perigo, inclusive para os soldados do forte Benton.

Se o outro grupo que avançaria da outra parte fosse tão importante quanto este, o forte cairia em suas mãos, num ataque de surpresa.

Tal preocupação fez com que Rod se esquecesse de Débora.

Estava bem perto da montanha que ainda deixava escapar uma coluna de fumo, mas o observatório não lhe permitia averiguar nada mais que a passagem dos cavaleiros em um bom pedaço do espaço aberto, existente antes daquela montanha.

Certo de que não descobriria mais do que já vira, continuou rastreando do ponto em que mirara a fim de observar a chegada dos cavaleiros rebeldes.

Continuou a perseguição e ficou um pouco nervoso, vendo que as pegadas rastreadas iam justamente em direção à montanha dos sinais.

Procurou convencer-se ainda mais, porém não restava dúvida. Era mesmo o cavalo com defeito em uma das ferraduras, que subia a montanha.

Já se passara muito tempo desde que vira a passagem dos cavaleiros. Preocupado, avançou, querendo chegar antes que a noite caísse.

Para tanto era obrigado a caminhar, pois em breve seria noite e havia muitos metros de subida a escalar até o lugar em que a coluna de fumaça ainda se elevava fracamente.

A fim de ganhar tempo, deixou o cavalo e subiu a pé seguindo as pegadas que, desde a ca-

banana do "Ruivo", rastreara com perseverança e acerto.

Encontrou o animal rastreado, morto entre outros animais.

Correu como um louco para o lugar em que a fogueira se extinguia pouco a pouco.

A luz era deficiente para tentar distinguir as pegadas e verificar se os passos de Débora estavam entre outros que avistara, apesar da pouca claridade.

Lamentava o fato da aproximação da noite, pois não podia continuar sua perseguição.

A morte dos cavalos fê-lo julgar que tivessem caído em poder dos índios mas então não compreendia, caso tal suposição fosse correta, a razão daqueles sinais feitos com tanta urgência.

Impaciente, esperou que a noite terminasse a fim de recolher seu cavalo e continuar a perseguição, caso fosse possível.

Impaciência e inquietação que não lhe permitiram descansar.

Assim que a luz do novo dia o permitiu, procurou as pegadas de Débora.

Não compreendia o que observava, pois apenas via os rastros da jovem, descendo para a planície por onde vira avançar o grupo de cavaleiros índios.

Do que não tinha dúvidas é que ela ia sozinha.

Quando chegou ao local em que havia rastros de cavalos as pesadas da jovem desapareceram.

Teria certamente partido com os índios. Tinha certeza.

Voluntariamente? Era isto que não entendia bem. Contudo, resolveu voltar a Chinook em busca de Alan.

Oferecera-se para ajudá-lo e cumprir a palavra.

A viagem de regresso foi um constante formar e desformar hipóteses.

Chegando a Chinook procurou Alan em casa de Pagge e este disse que ele passeava com Lucy, a filha de Salmson, de quem se tornara muito amigo, apesar da dura e violenta oposição do John Gordon.

– E fique certo – continuou Pagge. – de que esse Gordon não me agrada. Foi aventureiro e enriqueceu depressa demais. O pai da moça parece temê-lo, mas em troca, ela se ri dos dois. Acho que Alan deixou-se conquistar por essa coquete.

– Não se preocupe, Pagge. Alan sabe o que faz. Não é nenhuma criança de colo.

– Encontrou o rastro de Débora?

– Não.

Rod preferiu calar suas dúvidas.

Além disso, nas últimas horas refletira em que bem poderia ter perseguindo um rastro diferente.

O caso da reunião da jovem com os índios, não fazia sentido para ele.

Rod dirigiu-se ao "saloon" de Staford. Soubera por Pagge que ele havia voltado.

– Bem, mas nada de brigas. Não lhe é conveniente. Afinal você recuperou tudo – acrescentou Pagge.

– Não se preocupe. Vou apenas cumprimentá-lo.

– Naquele "saloon" há gente que não gosta do xerife. Você deveria ir em sua companhia.

Rod não respondeu e deixou a feitoria. Na rua, encontrou Salmson e Gordon.

– Olá rapaz! – disse Salmson. – Pensei que já estivesse armando suas armadilhas.

– É o que farei brevemente.

– Pagge falou-nos que você é um dos melhores caçadores,

– Dentro em pouco serei obrigado a deixar de vender à feitoria. Pagam mais em outros locais. Pelo pouco que nos pagam vocês, sofremos bastante. Ganhando como ganham, bem que poderiam pagar mais por peças.

– Se não lhe convém vender na feitoria, venda em outro lugar – replicou Gordon. – Não estamos dispostos a tolerar imposições.

– Se continuam assim, não comprarão uma única pele – disse Rod.

– Não se preocupe conosco. – disse Gordon, rindo.

– Não lhe sou simpático, não? Confesso que o sentimento é retribuído por mim.

– Acho que o rapaz tem um pouco de razão. Existem outros compradores que ampliam seu raio de ação nesta comarca. Deveríamos aumentar o pr...

– Não. Seria loucura. Que vendam suas peles longe de suas armadilhas... Não o farão. Na feitoria têm tudo facilitado, mesmo que não levem peles. Que mais querem? Os outros compradores não lhes farão isso.

– Parece conhecer o assunto superficialmente – retrucou o jovem caçador. – Só

aparecemos quando trazemos peles, logo, não precisamos de crédito.

– Estão todos de comum acordo com os fatores.

– Continuo dizendo que conhece mal o assunto.

– Quando pensam partir? Seu amigo é um pouco... não sei como dizer.

Rod fitou Gordon e respondeu:

– Não o culpe. Uma dama é sempre uma dama e devemos ser corretos com ela. Impeça miss Lucy de sair com ele se é que ela lhe obedece.

E, dito isso, Rod seguiu seu caminho.

– Esses casmurros saberão quem sou! – grunhiu Gordon. – E a culpa é toda sua! Amanhã mesmo iremos para Havre!

– Está bem – respondeu Salmson.

Rod entrou no "saloon", fitando os fregueses com curiosidade.

Havia alguns poucos vaqueiros e rancheiros. Um monte de peles continuava sobre o balcão.

Os caçadores já tinham visitado Chinook, mas como os preços de Staford eram superiores em muito aos de Pagge, preferiam vender suas peles ao primeiro.

Na realidade, apenas Rod vendera ao feitor, Como Gordon não autorizava o aumento do preço de compra, a feitoria estava fadada a desaparecer.

Staford foi quem primeiro avistou Rod a olhá-lo firmemente. Ficou muito pálido e não se atreveu a fazer o menor movimento.

O "barman" observou Staford e, seguindo a direção do olhar de seu patrão, descobriu o motivo de sua atitude.

Crawford também avistou Rod. Estava em uma mesa, jogando uma partida de pôquer com alguns homens.

Deixou o baralho sobre a mesa e levantou-se, caminhando para Rod.

– O estabelecimento trocou de dono outra vez? – perguntou o caçador em tom zombeteiro.

– Acho que isso não lhe diz respeito, ouviu? – retrucou Crawford.

– Claro que não, mas acho engraçado. Não pensem que fui iludido. Sabia que eram sócios.

Sentados em outra mesa havia dois caçadores vestidos com a característica roupa da profissão.

Rod fitou-os interessados, pois nunca os vira antes na feitoria de Pagge. Imediatamente lembrou-se do assassinato do "Ruivo".

– Nossos negócios não interessam aos outros. Você pode aparecer aqui se quer beber e se nós quisermos servi-lo – acrescentou Crawford com ar de bravata.

Falou em voz alta para que todos o ouvissem. Rod percebeu suas intenções e sorriu de modo especial.

– Não grite tanto, pois todos o ouvirão de qualquer modo. Os ladrões de minhas peles e cavalos não voltaram por aqui, Staford?

Crawford ia responder, mas controlou-se vendo o xerife entrar.

– Olá, Rod! – exclamou o xerife. – Soube por Pagge que tinha voltado.

– Olá, xerife.

– Viu Staford? Não partira definitivamente e, pelo visto, continua tendo parte no estabelecimento, embora Crawford tenha exibido uma escritura de propriedade.

– Xerife, não acha que o assunto precisa de intervenção? – perguntou Crawford.

– Fico irritado quando me enganam. Já disse isso aos dois uma vez. Staford partiu porque ficou com medo desse rapaz e julguei que estivesse em casa de Brooks.

– Medo desse rapaz? Está louco, xerife?
Por que Staford teria medo?

– Pergunte a ele. O rapaz teve os cavalos e peles roubados, mas encontrou tudo aqui. Se fosse no Wioiming, Staford seria enforcado. Sua atitude indicava que estava a par do roubo e conivente com os ladrões – retrucou o xerife.

– Parece que veio bancar o bicho-papão no estabelecimento, mas não acho que isso preocupe os vaqueiros e caçadores aqui presentes, se forem homens mesmo.

Então, um dos caçadores levantou-se, avançou para Rod e falou:

– Que pretendeu dizer com isso de que "se forem homens"? Sou caçador e não admito que duvide da minha hombridade.

– Ninguém lhe dirigiu a palavra – disse o xerife.

– Deixe-o, xerife. Estava ansioso por intervir. Observe suas mãos. Acha que está acostu-

mado à vida ao ar livre e andar no meio do mato? De caçador tem apenas a roupa...

Os vaqueiros examinaram o caçador, sorrindo então de modo quase imperceptível.

O xerife fitou as mãos do vestido de caçador, o qual procurava ocultá-las, de modo inconsciente.

– Insulta-me e não julgo que a presença do xerife seja empecilho para o castigo que merece e vou dar-lhe para servir de lição aos outros.

Rod fitou o caçador, sorrindo e respondeu:

– Agora está melhor. Certamente foi esse o seu papel durante muito tempo, mas não precisava esconder o que era. Nesta região, como no Canadá, conhecemos todos os caçadores, não importa como se vistam. Talvez Staford lhes tenha aconselhado isto, para justificar muitas peles que chegam a esta casa sem consentimento de seus verdadeiros donos.

— Procure não meter os outros na discussão — disse Crawford. — Insultou o rapaz e deve preocupar-se apenas com ele.

— Acontece que também desejo esclarecer certas coisas não muito claras. Quero que os vaqueiros notem alguns detalhes de certa importância. Estes caçadores não foram à feitoria. Vieram diretamente para cá. Não é suspeito? A feitoria fica mais perto da montanha e, para chegar aqui, são obrigados a passar em frente a ela.

Crawford ouviu murmúrios entre os vaqueiros, indicando seu apoio ao que Rod dizia e isso era suficiente para que impedisse o rapaz de continuar falando.

— Pelo que vejo, apesar de ser chamado de "Selvagem" devido ao seu hábito de pouco falar com os outros, acontece justamente o contrário. Se é pela amizade que lhe dedica o xerife, isso não é obstáculo para que eu...

— Não continue. Estou atento a você e a estes dois. Considero os três tão covardes que ati-

rariam em mim ao primeiro descuido que tivesse. Mas fiquem certos de que não poderão surpreender-me.

– Não vejo motivos para brigas – acalmou o xerife.

– Não é mais possível evitá-lo, xerife. Deveria ter impedido que nos insultasse, mas acaba de ouvi-lo chamar-nos de trapaceiros – disse Crawford.

– Não se preocupem. Ele não intervirá, sabendo que é muito melhor eliminá-los como animais. Chinook ficará bem mais tranquila com a sua morte.

Ouvindo tal coisa, muitos espectadores recuaram para os extremos do "saloon".

Do balcão, Staford presenciava a cena, com o xerife a vigiá-lo.

Staford sentiu essa vigilância e irritou-se.

– Depois do que ouviu xerife, julgo que não impedirá a luta – disse o caçador.

– Mas não lutarão os três contra ele ao mesmo tempo – disse o xerife.

– É melhor – respondeu Rod. – Atirarei neles e é natural que se defendam.

Os ouvintes entreolharam-se, assombrados.

Não podiam compreender as palavras de Rod, as quais indicavam seu desejo de lutar com os três ao mesmo tempo.

– Está louco, rapaz! Faria melhor se não tivesse voltado aqui – disse Crawford.

– Você sim, é que gostaria de não tornar a ver-me. Repito o mesmo quanto a estes falsos caçadores de pele. Onde caçavam? Estou certo de que não distinguem um arminho de um vison.

– Somos mais caçadores que você e provaremos agora...

– Não. O que provarão é seu verdadeiro ofício. São trapaceiros, mas desta vez erraram ao escolher sua vítima. Talvez estivessem à minha espera, não? Deve ser obra de Staford. Depois conversarei com ele.

– Não me meta nisso! – gritou Staford, achando mais fácil enfrentar Rod com os outros que fazê-lo depois, inteiramente só.

– Crawford – disse um caçador. – Deixe que nós nos ocupemos deste fanfarrão.

– Podem ocupar-se os três! Vou matá-los! – replicou Rod. – E verão como estou certo do que digo; só irei às armas após vocês moverem as mãos.

– Tome cuidado, rapaz! – aconselhou o xerife. – Não parecem novatos!

– Para mim, sim. O esquilo e o lagarto são mais velozes e no entanto posso matá-los sem desmontar. Isto será muito mais simples. Posso matar os três com um disparo exato, isto é, colocando a bala em cada rosto no mesmo lugar, por exemplo, o nariz que é o centro perfeito. Ficaria aborrecido se falhasse em algum, indício de que estou ficando velho, apesar de ainda não ter feito os trinta.

Continua falando demais e estou cansando
– disse Crawford.

Já me ouviu dizer que aguardo seus movimentos. Dou-lhes essa vantagem prazerosamente.

E a esse fanfarrão, darei...

Assim dizendo, um dos caçadores foi às armas e com isso precipitou o final.

Rod provou sua trágica pontaria, fazendo que os espectadores tremessem instintivamente.

Os três cadáveres tinham recebido um impacto no nariz, ficando os rostos desfigurados pela proximidade dos tiros.

Staford contemplava os mortos, parecendo petrificado.

Tinha a boca ressequida e a língua como um trapo. Mesmo que quisesse, não conseguiria dizer uma só palavra.

O xerife também sentiu uma estranha sensação de frio na espinha. Aquele rapaz era superior a tudo que imaginara'.

CAPÍTULO IX

Lucy alegrou-se com a volta de Rod e comentou para seu pai e Gordon, quando soube do incidente no "saloon":

– Esse rapaz e Alan liquidarão todos os trapaceiros da cidade. Staford não teve sorte ao escolher Chinook para seus negócios escusos. Crawford é um de meus mais constantes admiradores aqui.

– Essa amizade com o tal Alan vai terminar. Estou caindo no ridículo – disse Gordon.

– E eu digo que nosso compromisso não tem razão de ser. Não o amo e nunca o amarei.

– Isso pouco importa – interveio Salmson.

– Casei-me com sua mãe sem amá-la. O amor veio depois...

– Mas eu sei que nunca o amarei.

– Não pode estar brincando com esse rapaz. Sua coqueteria já foi muito longe. Primeiro

quis enredar o outro em seus ardis. Ele conseguiu fugir e agora, por despeito, tenta fazer o mesmo com Alan.

– Não acredito nisso, John. Eu amo esse rapaz. Gordon começou a rir.

– Não diga tolices. Amanhã iremos para Havre, conforme eu e seu pai combinamos.

– Lamento, mas não concordo com vocês.

– Lucy! – protestou seu pai.

– Não insista, papai. Conhece-me bem e sabe que não irei para Havre amanhã. Precisa acordar e não permitir que Gordon o domine. É você o presidente da Companhia, não ele e deve fazer o que você mandar e nunca o que quiser. Você, Gordon, pode ir sem nós. Talvez isso o satisfaça mais, já que todos os seus esforços são para impedir a elevação no preço das peles dos caçadores. Você mesmo disse papai, que alguém conhecedor dos assuntos peleteiros, ordenara, por sua conta, pagar um preço maior que o costumeiro em todas as feitorias...

– Lucy! – exclamou Gordon, muito sério.
– Não sabe o que diz, mas acusa-me de algo muito grave. Espero que se desculpe.

– Pois perde seu tempo. Provará apenas que não lhe tenho medo e autorizei Pagge a pagar o mesmo preço dos outros, bem como em todas as feitorias, as quais receberão ordens telegráficas nesse sentido.

– Não posso ceder a um capricho seu. Nós não podemos fazer tal autorização sem o consentimento do conselho, já que o preço é muito elevado. Seria nossa ruína! Estou percebendo seu jogo! Aquele tal Alan aconselhou-a a falar assim, mas não sou tão tolo como seu pai e não cairei em suas malhas.

– Acontece apenas que é você o chefe de tudo isto. É você que compra e por isso impediu que papai fizesse esta visita sozinho ou que outro o acompanhasse!

– Está louca e não reflete no que diz. Se fosse homem!...

Gordon andava furiosamente de um lado para outro.

Salmson meditava no que dissera sua filha.

As dúvidas também começaram a penetrar-lhe no cérebro.

O que sua filha dizia não era assim tão sem sentido.

Estava certa ao dizer que Gordon fizera empenho em acompanhá-lo, embora escudando-se no amor a Lucy.

Também era verdade que se opunha a permitir que os preços de compra das peles fossem aumentados, providência sensata e lógica que se impunha em defesa dos interesses da Companhia.

Gordon sentiu que Salmson começava a suspeitar.

— Não ligue ao que diz sua filha. Foi aconselhada por um caçador, a fim de conseguir melhores preços para suas peles.

— Os preços mais elevados já foram admitidos em outros estabelecimentos. Continuando assim, o que conseguirão é a falência da Companhia. Ouça o que digo papai. Autorize o aumento.

— Não! — gritou Gordon, furioso. — Não posso permitir que meta o bedelho. Esse caçador, embora namorando uma coquete, não conseguirá o que pretende.

— Você é um covarde e um trapaceiro, como dizem no Oeste! — gritou Lucy por sua vez. — Vem enganando meu pai. Se ele não lutar como deve, perderá a presidência, apesar de suas ações. Os outros acionistas procurarão outra Companhia que ofereça melhores lucros, cujo presidente seria John Gordon. O jogo não pode ser mais claro!

— Cale-se, Lucy! — ordenou seu pai. — Não tem o direito de falar dessa maneira sobre John. Consultarei os outros conselheiros pelo telégrafo.

— Eles terão que saber o motivo dessa consulta. Eu mesmo lhes direi! — exaltou-se Gordon. — Direi que é por causa de uma namorada, a fim de conseguir maiores lucros para seu admirador atual.

Furiosa, Lucy aproximou-se de Gordon e esbofeteou-o.

Gordon segurou-lhe as mãos e apertou-as com tal violência, que a jovem gritou de dor.

— Acalmem-se! — disse Salmson. — Deixem-nos sós, Lucy.

— Largue-me, que me machuca: Bruto, covarde! Não terá tanta coragem ao enfrentar Rod ou Alan.

A lembrança do acontecido no "saloon" e o que ouvira dos lábios do próprio Staford fez que Gordon involuntariamente estremecesse.

Soltou Lucy.

A jovem deixou o aposento e desceu à procura de Alan.

Encontrou-o em companhia de Rod. Correu para os dois, contando o sucedido.

– Estou certo de que você descobriu a verdade – disse Rod – Seu pai deve autorizar o aumento por conta própria e que Pagge iguale seus preços aos dos outros armazéns.

– Não se atreverá sem antes consultar os conselheiros – respondeu Lucy.

– Eles não poderão opor-se. Será o único meio de exterminar a manobra muito hábil, cujo fim é estrangular a Companhia.

– John convencerá papai de que falei porque vocês pediram.

– Nós tentaremos chamar seu pai à realidade. Não se preocupe – disse Alan.

– Conheço meu pai melhor que vocês. Nada conseguirão.

– Então, pior para ele – Rod mais grunhiu que falou.

Foram interrompidos por uma exclamação de Pagge:

– Rod. trago-lhe uma boa notícia! Débora está em Havre!

– Está bem? – perguntou Rod.

– Assim diz o emissário. Perguntou por você, impaciente. Deseja suas notícias.

– Iremos visitá-la – disse Rod, – não, Alan?

– Sim – respondeu ele.

– Oh! Formidável. Meu pai quer ir a Havre e assim iremos juntos.

Lucy não quis confessar que fora contrária à realização dessa viagem.

Rod apressou-se a ir falar com o emissário de Débora.

Lucy não quis passear com Alan, receando que John, devido a seus aborrecimentos, o provocasse.

Ouvira seu pai dizer um dia que John tinha sido aventureiro e que suas mãos eram muito rápidas e seguras no gatilho.

Assim, estava certa de que ele era um pistoleiro.

Por isso, receava por Alan.

Quando entrou no aposento em que seu pai e John continuavam falando, Salmson declarou:

– Lucy, espero que peça desculpas a John por suas palavras de há pouco.

– Não farei isso, papai. Estou certa de que disse a verdade e gostaria que você pensasse o mesmo.

– Estou convencido do contrário. Tudo não passa de manobra das Companhias concorrentes, para que abandonemos esta comarca. Se cedêssemos agora, eles aumentariam os preços ainda mais e não poderemos estar sempre nesse ritmo. John tem razão. Seríamos condenados pelos outros conselheiros. Eu e você voltaremos para Saint-Louis e John continuará a visita, após receber instruções do conselho.

– Vejo que mais uma vez ele o amedrontou, papai. Eu sei que você não é nenhum tolo.

Amedrontou-o, porque você sabe que ele é um antigo pistoleiro.

Lucy estava desesperada e não refletia no que dizia.

Pensava em voz alta.

Gordon fitou Salmson de tal modo, que ele replicou:

– Nada disse à minha filha.

– Nem precisava dizê-lo, papai. Descobri por mim mesma – mentiu ela desafiadoramente.

– Está mentindo! – gritou John.

– Estou dizendo a verdade. Descobri quem você é – tornou a mentir.

– Nunca estive por aqui – disse Gordon, um tanto intrigado.

– Foi no Canadá – acrescentou Lucy, decidida. – Conheceram-no em outros tempos.

Lucy viu-o empalidecer e compreendeu que seu tiro às escuras, no qual depositara tudo, atingira o alvo.

– Ora... Tolices. Quando estive no Canadá era aventureiro. Fui garimpeiro e caçador.

– Foi pistoleiro! – insistiu Lucy.

– Cale-se Lucy, não seja louca! Acabará obrigando-o a castigá-la! – gritou seu pai.

Muito pálido Gordon bradou:

– Não me obrigue a provar que os disparates que diz a meu respeito são corretos. Terminará fazendo-me perder a calma!

– Não dê importância. Não vê que não sabe o que diz?

– Mas, insulta-me gravemente.

Lucy guardou silêncio.

Estava assustada com o aspecto de John.

Julgou-o bem capaz de atirar nela e em seu pai.

Pouco a pouco Salmson conseguiu tranquilizar Gordon, para em seguida começar a arrumar as malas.

Lucy saiu à procura de Alan, a fim, de contar-lhe o que acontecera.

Pagge também ficou sabendo dos fatos por Lucy que, não encontrando Alan, resolveu contar-lhe tudo.

Pagge ouviu em silêncio e por fim disse:

– Acho que você tocou a ferida com o dedo. É Gordon quem dirige a campanha contra a Companhia, motivo por que não nos autoriza a aumentar os preços.

Alan chegou e entrou na conversa. Sabendo o que houvera, exclamou:

– Existe um meio de combater essa campanha. Podem pagar mais sem autorização da Companhia e enviar diretamente para Saint-Louis. Rod pode encarregar-se disto. Com o lucro da primeira partida, terá dinheiro para adquirir mais peles.

Pagge cocou a cabeça várias vezes.

– Sim, tem razão! Colocarei minhas economias em mãos de Rod. Também ele tem alguns dólares guardados. Além disso, poderemos

vender de tudo aqui. Este estabelecimento é meu. Desligo-me da Companhia!

— Rod pode comprar em Havre e cidades vizinhas. Até no Canadá, principalmente na zona de Assinibohie, do Kingí George e do Tornado, as montanhas que produzem mais caça em Alberta. Com isso, desarticularam os planos de Gordon. Podem pagar mais que ele, porque o lucro será dividido por menos pessoas.

— Rod não se deixaria convencer. Em sua cabana, está tranquilo — disse Pagge.

— Eu o convencerei não se preocupe. Sei que conseguirei.

— Você entrará nesta organização.

— Talvez — respondeu Alan olhando para Lucy. Ela baixou os olhos.

— Terei que partir para Saint-Louis — respondeu.

— Não importa. Eu e Rod iremos vender lá. É uma excelente idéia. Formaremos uma socie-

dade peateria. Logo estaremos ganhando muitos dólares!

Embalada pela idéia, Lucy prometeu enviar-lhes tudo o que pudesse auxiliá-los em seus projetos.

O mais contente de todos era Pagge. Disse que confessaria seus planos a Salmson, mas Alan o dissuadiu da idéia.

— Isso alertaria Gordon — disse. Assim, Pagge voltou atrás.

Ao chegar e conhecer o que planejavam Rod não concordou, mas Alan conseguiu convencê-lo.

Rod sugeriu então que fosse Alan o dirigente de tudo.

Alan protestou, insistindo para que o amigo tomasse a direção e Rod viu-se obrigado a aceitar, por maioria de votos.

Começou, então a planejar tudo, de um modo que deixou seus companheiros admirados. Até que, de repente disse:

– Mas precisamos de dinheiro. Sem ele, nada faremos.

– Nós o teremos – afirmou Alan.

– Por ora têm minhas economias.

– Tive outra idéia – exclamou Rod.

– Qual?

– Fazer que todos os caçadores participem. Não venderão suas peles. Eles as entregarão e dar-lhes-emos o valor correspondente em relação ao preço combinado.

– Isso é melhor – confessou Alan. – Assim, nenhum caçador venderá aos concorrentes, mas não será fácil convencê-los a confiar em nós.

– Em nós, não: em Pagge. É conhecido de todos eles há muitos anos. Ele deverá visitá-los, durante o tempo das armadilhas. Conseguindo-se a adesão de seis, será fácil convencer os outros.

Pagge também ficou de acordo, sendo encarregado de visitar vários caçadores.

Lucy estava alegre como uma criança, pensando que provariam a Gordon que existia alguém que o superasse em astúcia e cérebro.

A luta seria digna de ver-se.

Ela seria a melhor espectadora, já que se postara no campo inimigo.

Rod comunicou a Alan que iria a Havre e Alan resolveu acompanhá-lo.

O caçador sabia por que o fazia... Em Chinook não encontrara quem mais o interessava.

Alan despediu-se de Lucy. Rod fez o mesmo e os dois partiram para Havre.

Após a partida dos amigos, Lucy disse a Pagge e sua mulher que gostaria de ficar com eles, tendo decidido à última hora não afastar-se de Alan, sinceramente apaixonada por ele.

O casal concordou, mas fez-lhe ver o inconveniente que significava o fato de ser seu pai o presidente da Companhia.

Lucy respondeu que isso não constituiria obstáculo, pois dentro em pouco ficariam independentes da firma.

Prometeu que faria tudo muito bem, escapando durante a viagem e voltando sem que seu pai soubesse.

Nesse entretempo, Gordon já não estaria em Chinook.

Não incentivaram seu projeto, mas prometeram-lhe boa acolhida, caso voltasse.

CAPÍTULO X

Os dois amigos foram carinhosamente recebidos pelo pastor de Havre, sendo informados de que Débora não estava na cidade, mas não tardaria a chegar.

A pequena cidade estava em rebuliço pela aparição de ouro em abundância, ao dispor dos afortunados que se apressavam a registrar suas parcelas de terreno.

Em consequência de tal descoberta, já havia vítimas a lamentar, impelidas à morte pela cobiça e ambição sem limites.

As mortes eram produtos de certos forasteiros que estavam na cidade havia alguns dias; entretanto a notícia chegara ao conhecimento dos habitantes apenas poucas horas antes.

O pastor não escondia seus temores de que o fato rebelasse a comarca muito mais que quando o ouro apareceu em Chinook, pois fora

de menor monta. Em troca, todos diziam que ali, a quantidade era tal que superava as melhores épocas de Sacramento.

Havre ia ficando despovoada, já que os vaqueiros abandonavam o gado e os granjeiros as terras.

Também os comerciantes tinham ido atrás de sua parcela de terreno, deixando os negócios em mãos das mulheres, embora nem todas permanecessem na cidade, pois muitas seguiram os esposos e filhos à procura do ouro.

O pastor disse aos dois amigos que podiam ir também tentar a sorte mas, como sem dúvida já esperava, a resposta foi negativa, o que o levou a simpatizar muito mais com eles.

Alan pediu informações sobre os forasteiros.

— São uns caçadores vindos das montanhas, mas inteiramente desconhecidos aqui — respondeu o pastor. — Todos têm sotaque canadense — acrescentou.

Rod olhou para Alan e esse fez o mesmo.

– Qual de vocês é Rod? – perguntou o pastor.

– Eu – apresentou-se Rod.

– Débora falou-me muito a seu respeito. Todos lhe somos imensamente gratos pelo que fez por ela. Julgávamos que estivesse morta, pois foi uma loucura o que praticou. Se você se tivesse demorado mais... ela não existiria agora. A seguir, correu tanto perigo como então. Foi atrás de você e chegou à cabana de um caçador. Encontrou alguns homens que se apoderaram dela, até que um deles, um mestiço, apontou as armas para os outros, amarrou-os e levou Débora consigo. Durante as paradas para descanso ele a amarrava, mas afinal conseguiu surpreendê-lo e fugiu para casa. Ela julga que esses homens são os mesmos que fizeram você desaparecer, Não demorará a vir, pois foi a um rancho próximo. A família aumentou.

– E que fim levou o mestiço? – perguntou Alan.

– Débora o deixou dormindo e fugiu. Rod refletia nessa história.

Havia algo que não conseguia convencê-lo, mas nada podia dizer, sem antes falar com Débora.

Por seu turno também na versão que fornecera a Alan, confessou, ter seguido outras pegadas.

– Neste caso, as pegadas que você rastreou eram mesmo dela – lembrou Alan.

– Não tenho muita certeza – replicou o amigo. O pastor deixou-os, a fim de atender a seu ministério.

Os dois saíram em busca de um bar.

Havia um homem gordo e decidido à porta do bar. Olhou para os dois com espanto, dizendo:

– Será que não vão? São forasteiros, mas isso pouco importa, já que conversaram com o pastor e certamente ele lhes falou o que há.

– Por que não foi você? – perguntou Alan.

– Para quê? Trarão o ouro à minha casa e quem ficará com ele em definitivo sou eu...

Rod sorria. Aquele homem, de aspecto vulgar e comum, nada tinha de tolo, sabendo onde tinha o nariz.

Os proprietários de pepitas gostavam de exhibir sua riqueza, convidando os amigos e saciando-os de uísque e tudo quanto não puderam adquirir nos anos anteriores.

Assim, o dono do bar só tinha que esperar.

O ouro aparecera num arroio que levava suas águas para o Milk.

Cada um bebeu um uísque.

– Um dos dois deve ser o salvador de Débora, quando foi em visita à casa de Pagge.

– Este – disse Alan.

– São tão altos os dois... e ela disse que até então nunca vira nada semelhante.

O homem gordo inspirou confiança a Rod.

– São muitos os forasteiros que vieram atrás do ouro? – indagou Alan.

– Soubemos há pouco, mas existem alguns que certamente atravessaram a fronteira do Canadá; Não gosto deles. Ameaçam os outros frequentemente e fazem alarde de sua habilidade no manejo das armas. Dizem que já mataram dois numa dessas discussões. Afirmam que são eles que repartem as parcelas de terra, impondo-se aos demais como se realmente o local fosse seu.

– Acho que vou atrás de uma parcela – disse Alan.

– Eu o acompanho – replicou Rod.

– Sabia que terminariam indo também. Além de mim, ninguém escapou dessa febre.

Alan olhou para o gordo e acrescentou:

– Vou caçar amigo. Não ando à procura de ouro.

Rod sorria e o gordo fitou os dois, um tanto intrigado.

– É verdade que vou até às parcelas – disse Alan.

– Acho que encontrarei velhos amigos.

– Espere até encontrarmos Débora. Talvez ela nos forneça melhores detalhes.

– Não tenho pressa. Se estiverem nessa incipiente mina de ouro, nada os impelirá a partir.

– Boa surpresa lhes vai dar. Consideram-se muito seguros do outro lado da fronteira – comentou R/od.

– E legalmente, assim é. Mas agora não sou o sargento Bowery e sim Alan Bowery, o vingador. Aqui somos iguais e as armas é que decidirão quem de nós está com a razão.

– Quando enfrentá-los, procure esquecer seu amigo. Precisarás de muita calma – disse Rod.

– Não se preocupe, saberei dominar-me.

– Então iremos assim que estivermos com Débora.

Voltaram à casa do pastor, certos de que a jovem iria para lá.

A cidade estava quase deserta, vendo-se pelas ruas apenas algumas mulheres e crianças.

A esposa do pastor recebeu-os com satisfação e atendeu-os prazerosamente. As horas passavam e Débora não voltava.

Rod pediu a direção do rancho em que ela fora e partiu, acompanhado por Alan.

Também no rancho se percebia o efeito da descoberta de ouro, pois não ficaram vaqueiros em número suficiente para cuidar do gado.

O proprietário saiu ao encontro dos jovens.

– Se procuram trabalho de vaqueiros, podem ficar – disse, à guisa de cumprimento. – Todos partiram atrás do ouro.

– Procuramos Débora – respondeu Rod.

— Ah! Fiquei esperançoso, vendo-os vir para cá. Entrem, avisarei a Débora. Está ajudando minha mulher. Aconteceu algo ao pastor?

— Não. Apenas desejamos falar com ela.

Entretanto, como a casa era pequena, Débora ouviu a conversa e saiu correndo para abraçar-se a Rod, chorando de alegria.

— Oh! Quanto me alegro! — exclamou. — Julguei que o tivessem apanhado na cabana do "Ruivo". Adiantei-me a você, na ânsia de encontrá-lo.

Rod apresentou o amigo e ela cumprimentou-o.

— Quero que me conte tudo quanto sucedeu — pediu Rod.

Débora falou durante dez minutos.

Não trouxe muita luz, mas, pela descrição dos personagens, Alan os identificou como Muller e Goldmist. O que a levara, segundo suas declarações, era mestiço e chamava-se Toison.

Depois a conversa tornou-se geral, com a intervenção do proprietário do rancho.

— Poderemos ficar e ajudar a este homem — disse Alan. — Pediremos apenas que nos deixe as noites livres, ocasião em que os mineiros e garimpeiros vão à cidade divertir-se.

O rancheiro mostrou-se encantado com a oferta e disse aos dois que poderiam tirar quantas horas quisessem.

Rod prometeu que voltariam no dia seguinte e partiram com Débora, que também ficou de voltar com os jovens.

Chegando à cidade, viram uma verdadeira multidão superlotando a praça principal.

— Que houve? — perguntou Débora a um conhecido.

— Prenderam um índio e vão enforcá-lo — respondeu. — Alguns forasteiros que se nomearam a si mesmos comissários do ouro e xerifes da mina, divertem-se com ele.

Alan correu para a aglomeração, enquanto Débora exclamou:

– Covardes! Que lhes fez aquele índio?

– Alguns garimpeiros surpreenderam-no perto de suas parcelas de terra.

Rod fitou Débora, intrigado.

Ela começou a correr e, chegando ao lugar do ajuntamento, abriu passagem a cotoveladas e empurrões.

– Olá! Mas é a jovem da cabana! – disse Goldmist, já que era ele quem sustentava o índio, para que Muller e outros o espancassem.

– Para trás, covardes, para trás! Por que espancam esse rapaz? Que lhes fez ele?

– É um índio. Um índio rebelde que tentou fugir até ver-se descoberto.

– Uns covardes! – gritou Débora, avançando contra eles e lutando. – Soltem-no! Não se meteu com você

O índio estava encolhido sobre si mesmo para desviar dos golpes de Muller e seus com-

panheiros, mas ao ouvir a voz de Débora, levantou a cabeça e sorriu, para falar no idioma de sua gente.

Isto foi uma revelação para Rod, que se tinha aproximado.

– Viram? Conversam em idioma índio. Esta moça é amiga deles.

– Não toquem mais neste rapaz – respondeu Débora a frase pronunciada por Muller.

– Não lhe toquem se desejam evitar um dia de luto em Havre. Não devem obedecer estes assassinos covardes. Mataram um caçador honrado e venderam suas peles em Chinook.

– Não lhe darão crédito, beleza. Você é índia. Basta um olhar para notar-se logo! E uma índia rebelde, não merece compaixão nem respeito.

– Sou conhecida aqui e...

– Não se incomode, moça, posso encarregar-me desses covardes – disse Alan.

– O sargento Bowery! – exclamou Muller, recuando assustado.

– Conheceu-me, não? Julgava que, por atravessar a fronteira não teriam contas a prestar sobre seus crimes?

– Não tem jurisdição aqui, sargento – disse Goldmist, tomando ares de valentia.

– Mas tenho dois "Colts". Por isso vim sem uniforme.

Um sargento da Polícia Montada era sempre respeitado pelas pessoas honradas do Norte.

– É um Montada! – exclamaram várias vozes.

O índio aproveitou os momentos de confusão para aproximar-se de Débora.

Rod vigiava Muller e Goldmist, sabendo que seriam capazes de qualquer traição.

Aproximou-se de Débora e falou-lhe no idioma índio:

– Leve esse rapaz daqui.

Débora fitou-o com enorme surpresa,

– Conhece meu idioma! – exclamou –
Descobriu que sou índia...

Disse em tom de grande amargura.

– Não se preocupe... não lhes tenho ódio...
Depois falaremos a respeito. Agora, precisa salvar este rapaz, quando todos prestam atenção à discussão entre o sargento e esses assassinos.

Não precisou repetir duas vezes pois Débora afastou-se, levando o índio maltratado e fazendo-o montar em seu próprio cavalo.

Depois voltou para junto de Rod, mas o rapaz continuava a vigiar Muller e Goldmist.

– Eu posso afirmar e provar que mataram o "Ruivo", um caçador muito conhecido em Chinook – disse Rod.

– Também era conhecido aqui e estranhávamos que não aparecesse – disse um espectador.

– Fico satisfeito com isso, pois assim não duvidam do que digo – acrescentou Rod. –

Encontrei-os na cabana do “Ruivo” e conseguiram enganar-me em parte. Devia tê-los matado.

– Isto é comigo – disse Alan. – Assassinaram vários Montadas. Segui seus rastros e não parei ao encontrar a fronteira. Vou castigá-los de acordo com seus métodos.

– Não seja criança, sargento. Poderíamos brincar com você. Não está acostumado ao revólver... É melhor voltar...

Um rumor levantou-se entre os espectadores, fazendo Muller estremecer, por que falavam em enforcá-los e estavam literalmente cercados por homens que já os odiavam.

A situação não podia ser mais desesperada.

Muller compreendeu isso e recuou, procurando uma possível saída para a fuga.

– Desta vez não escaparão. Aqui não existe regulamento a impedir-me de usar o "Colt" embora preferisse enforcá-los. Não merecem que se gaste chumbo em seu corpo.

Muller agarrou um rapazinho que em sua curiosidade, conseguira situar-se na primeira fila e gritou:

– Todos para trás ou mato esse rapazola!

Com o corpo do jovem, protegia-se de um possível ataque de Alan.

O sargento parou e disse:

– Não tenho pressa. Posso rastreá-lo e você não escapará.

Goldmist e seus amigos postaram-se ao lado de Muller.

– Quietos todos! – ordenou Rod. – O rapaz não deve morrer.

Isso enganou Muller, que sorria de maneira feroz, empunhando uma faca que colocara sobre as costas do jovem, já a ponto de desmaiar de medo.

– Procure os cavalos, Goldmist! – gritou Muller – e, caso não lhe deem passagem, este rapaz morrerá.

– É meu filho! – gritou uma mulher em tom angustiado. – Deixem-nos fugir. Não passa de um menino e nunca fez mal a ninguém!

Muller era mais alto que o jovem que o escudava.

Todos estavam pendentes ao sargento.

A mãe tornou a pedir que ninguém se movesse e Goldmist correu em busca dos cavalos.

Ouviu-se um disparo, sem que ninguém percebesse o movimento de Rod ao sacar a arma.

A testa de Muller ficou espatifada e ele caiu fulminado.

Imediatamente atirou em Goldmist, fazendo-o cair de bruços, atingido nas costas.

Os outros levantaram os braços, apavorados, enquanto a mãe do rapazinho soltou um grito horrível. Contudo, o jovem saíra ileso.

– Matei-o porque cravaria a faca neste rapaz antes de fugir. Era um assassino sem entradas.

O rapazinho correu para sua mãe, abraçando-se a ela. Alan disse:

– Admiro sua segurança. Foi o que pretendia fazer, mas temia falhar.

Os curiosos cercaram os companheiros de Muller e Goldmist, enforcando-os em poucos minutos.

– Ainda restam mais alguns. Estes e o mestiço eram os piores.

– Encontraremos o mestiço você verá.

CAPÍTULO XI

A permanência de Alan e Rod no rancho dos amigos de Débora não tinha objetivo, mas haviam prometido ir e não faltariam à palavra.

Pelo menos, seriam sinceros com o proprietário, confessando os motivos porque se tinham comprometido.

Procuravam apenas ter oportunidade de encontrar Muller e seus amigos, mortos estes, não havia nenhuma finalidade em sua permanência no rancho.

Assim que ficaram a sós, após a morte dos trapaceiros vindos do Canadá, Alan disse a Rod:

— Essa jovem é índia. Se examiná-la detidamente, encontrará alguns traços característicos da raça. Certamente é fruto de branco com pele vermelha. Não há dúvida de que é muito bonita, mas se como penso, é parente dos chefes Nez-Percé que ainda habitam as montanhas sem ren-

der-se certamente terá aborrecimentos, pois, por intermédio dela, quererão obrigar sua gente à rendição.

– É o que também pensava. Sim, não há dúvida. Seus tios chefes... Talvez o mais importante dos rebeldes. Agora compreendo o que houve na montanha... Foi ela quem fez os sinais e por isso acorreram seus cavaleiros. Ainda são muitos e representam um sério perigo...

– Deve conversar com ela sobre isso.

– Foi o que fiz há pouco. Sabe que conheço seu idioma e que não ignoro sua origem. Não o ocultou, aliás.

Os mesmos que pouco antes a estimavam francamente, agora fitavam a jovem com receio.

Tinham descoberto em Havre o mistério da bela jovem que vivia com o pastor e a quem ninguém conhecia antes.

Contudo, a ambição do ouro fez com que não pensassem muito no caso que, afinal, não tinha importância para eles.

Mas, nem todos pensavam assim.

Um dos amigos de Muller, contou a Toison, o mestiço, o que acontecera em Havre e este, odiando a moça por ter escapado, decidiu pôr em prática o que pensava desde que fugira da montanha, após matar os cavalos. Iria ao forte Benton que, segundo ouvira dizer, não ficava muito longe e diria quem era o chefe dos índios rebeldes, bem como o auxílio prestado aos índios revokosos por um sargento da polícia Montada: Alan Bowery.

Assim, eliminava o inimigo que mais temia no mundo.

Em sua fuga, Toison chegara até Big Sandy, onde fez uma incursão e encontrou dois velhos conhecidos do Canadá, pertencentes ao bando de Muller e Goldmist,

Foram para Havre, resolvidos a regressar a Alberta lugar em que teriam melhores condições de vida, já que nos Estados Unidos todos os olhavam com desconfiança.

Não queriam trabalhar como vaqueiros e não encontravam nenhum "saloon" importante, onde pudessem contribuir com suas habilidades nas cartas.

Em Havre depararam a descoberta de ouro e Muller novamente.

Enquanto Toison ouvia o relato e o medo que seu informante sofrera resolveu visitar os militares.

Os outros não se atreveram a entrar no Canadá, com receio de que a fronteira estivesse vigiada pela Polícia Montada, segundo fazia julgar a presença de Bowery em Havre.

Também não podiam ficar ali, onde não havia grandes perspectivas para eles já que tinham sido vistos com Muller, ao erigir-se comissário do ouro.

Se não tivesse deparado com sargento e aquele jovem tão alto, ficaria rico em pouco tempo.

Toison não revelou aos amigos o que pretendia fazer e eles resolveram partir para Butié ou Helena, cidades de que já haviam ouvido falar no Canadá.

Em casa do pastor, Débora declarava:

– Devo partir. Agora, todos sabem a verdade. Viverei com meu povo e é possível que eu mesma os incite a uma ofensiva feroz.

– Não fale assim – protestou o pastor. – Você não pode pensar dessa maneira.

– Já vi como nos odeiam... Seriam capazes de enforcar todos nós – replicou Débora.

– O caso de sua gente ainda é recente. A luta de Visdom foi sanguinária, até que em Nez-Percé, seu pai, entregou-se às autoridades militares. Seus projetos de resgatá-lo não tinham razão, pois ele rendeu-se voluntariamente, conseguindo uma reserva nos terrenos que agora habitam. Não é partidário da rebeldia.

– Meu irmão não pensa assim. Já o contive muito tempo e, quando aquele rapaz contar-lhe

o que houve, cairá sobre Havre e não ficará uma pessoa viva ou uma casa de pé.

– Tem que evitá-lo, indo ao seu encontro. Você não pensa assim. Está amando.

– Pouco importa. Saberei arrancar esse amor de meu coração, fique certo. Renasceu o ódio aos caras-pálidas.

– Você também o é. Seu pai não foi Nez-Percé, mas um branco e você sabe disso perfeitamente. Sua mãe confessou esse fato a mim. Nez-Percé enforcou seu pai ao nosso estilo, para castigar seu atrevimento e sua mãe sofreu muito por você. Não deve macular sua memória com esse ódio.

– Não tenho remédio. Sinto-me mais índia que branca e muitas vezes pensei em fugir para a montanha com os meus. Eles vivem em paz, unidos aos Pés Negros que ainda existem, sem submeter-se aos casacos azuis. Quando estiverem preparados, reconquistarão as terras que

eram nossas, terras que foram roubadas por todos os meios, inclusive o assassinato.

– Você também fez a tolice de passear com Crawford, para zombar de mim. Por isso fui embora, imaginando que o amasse.

– Perdoe-me, estava com ciúme. Oh como sou feliz! Você não pode imaginar o meu tormento... Vivia angustiada...

– Matei Crawford mais por ciúme que por seus crimes -- esclareceu ele.

– Você o matou?

Débora sorria através das lágrimas, olhando para êle.

– Sim.

Apertou-o com mais força.

– Fomos uns tolos.

Rod contou o que tencionavam fazer com as peles.

– Não gostaria que morássemos perto daquela mulher. Tenho medo dela. É uma namorada.

– Não se preocupe. Está apaixonada e também as namoradeiras caem nas malhas do amor sincero. Não moraremos juntos... Nós dois casaremos e viajaremos. Eles viverão em Saint-Louis.

O idílio foi interrompido pela chegada do xerife e do pastor.

– Débora! Rod! – gritou o pastor. – Houve algo desagradável. Os índios mataram alguns mineiros e veem atrás de você. Devo dizer-lhe que pretendem enforcá-la.

Ela olhou para Rod muito pálida.

– Vamos, não percamos tempo – respondeu ao seu olhar.

– Apressem-se e poderão fugir – disse o xerife.

– Obrigada aos dois – exclamou Débora, beijando-os. – Não tenho cavalo.

– Leve o de Alan, pois ele está com o meu. Vamos... O pastor contará a ele o que houve. Di-

ga-lhe que vamos para minha cabana. Ele sabe onde fica.

Ato seguido, segurou Débora pela mão, quase arrastando-a.

Ouvia-se o rumor de muitas pessoas falando em voz alta.

– Está fugindo, está fugindo' – gritaram alguns, indicando que tinham sido vistos.

Os tiros se sucediam.

– Não se preocupe – gritou Rod, – Estes cavalos são fortes e rápidos.

Débora viu que era verdade. Dentro em pouco ouviam os tiros cada vez mais longe, acompanhados pelos gritos de seus perseguidores.

Ainda era muito cedo e a perseguição não cedia.

Débora virou a cabeça e disse:

– São muitos. E julguei que me estimassem...!

– Agora estão enfurecidos.

– Percebe que com sua ajuda coloca-se à margem da lei?

– Pare de dizer tolices, ouviu? Fique certa de que ganhará uma surra de chicote, assim que eu possa.

Débora era feliz, esquecendo o perigo que significava para ela o grupo de cavaleiros em sua perseguição.

Existia apenas Rod que demonstrava amá-la como ela o amava.

Intimamente censurou seus irmãos de raça, por complicarem sua vida a esse ponto, nos momentos em que se julgava a mais feliz das mulheres.

A perseguição não afrouxava e, embora não ganhassem terreno, também não ficavam atrasados a ponto de os fugitivos ficarem mais tranquilos.

Os cavaleiros eram tão numerosos, que enfrentá-los equivaleria a um suicídio, a menos que

conseguissem alguma posição que se prestasse para uma defesa heroica.

O que acontecera aos garimpos deveria ser grave para produzir tão grande reação por parte dos cidadãos de Havre que estimavam a jovem.

Ela refletia sobre isso.

– Isso não significa que não a estimassem – disse Rod aos gritos, a fim de que ela o ouvisse, – mas querem castigar em você os autores daquelas façanhas.

– Não compreendo isto. Não posso crer que me tenham desobedecido a tal ponto.

– Certamente o rapaz contou o que pretendiam fazer com ele...

– Não é motivo para que se mate ninguém. Salvou a vida graças a vocês dois.

Em seguida concentraram a atenção nos perseguidores, cuja corrida continuava sem cessar.

O grupo de cavaleiros era instigado por dois mineiros que açulavam os outros para castigar em Débora os autores dos crimes.

Vários cavaleiros quiseram dar a perseguição por finda, conhecendo as habilidades de Débora como amazona, certos de que, montando um cavalo como aquele, jamais poderiam alcançá-la e ao jovem.

Finalmente começaram a desertar e duas horas depois disso, apenas cinco cavaleiros continuavam à caça dos dois.

Eram os parentes das vítimas.

Foi Débora quem orientou a direção a seguir, conhecendo o terreno perfeitamente.

Rod era de opinião que devia contê-los com o rifle, sem, contudo atirar neles. Bastava deixá-los sem montaria.

— Amo demais os cavalos — disse ela. — Podemos afastar-nos sem recorrer às armas. Precisamos reconhecer que sua cólera é justa e lógica.

ca. Não devemos aumentar o número de vítimas.

Suas palavras convenceram ao rapaz que, como ela considerava a justiça da perseguição, embora Débora não fosse responsável pelas ações alheias.

Entraram em um dos complicados e sinuosos "canyons".

Quando os cavaleiros chegaram ao mesmo local, um deles levantou a mão, ordenando que parassem.

– Seria loucura prosseguir por aqui – disse. – Aquele rapaz provou que tem pulso firme e seguro. Nestes "canyons", ficaríamos à sua mercê.

A resposta dos outros foi que regressassem.

A perseguição terminara; enquanto Rod e Débora continuavam avançando o mais rapidamente que o terreno permitia.

Saindo novamente para a planície, olhavam constantemente para trás.

Depois de muito tempo, Rod falou:

– Deixaram de seguir-nos. Certamente temeram uma emboscada. Podemos descansar.

Débora parou sua montaria e os braços de Rod esperavam-na para descer.

O rosto da moça estava mais belo que antes, com seus negríssimos olhos brilhando muito, inundados de alegria.

De rostos muito juntos, Débora beijou Rod, dizendo:

– Sou a mais feliz mulher sobre a terra. E, minha felicidade será um desgosto para os meus. Queriam que me casasse com um índio.

– Qual de seus pais era branco?

– Meu pai. Minha mãe apaixonou-se por um homem branco e fugiu com ele. Nunca me contou a história verdadeira e sei apenas que era filha de Nez-Percé, o chefe supremo de meu povo. Eduquei-me entre eles e foi naquela época que conheci Pagge e o pastor. Quando meu avô não quis render-se, e continuou lutando depois

da morte de Custer o pastor recolheu-me como a uma filha. Com a rendição de vovô, o resto de seu povo escolheu-me como chefe e vieram de Windows para buscar-me. Avistava-me com eles várias vezes em cada lua e consegui contê-los, a conselho do pastor, querendo que fossem para o Canadá. Os Pés Negros uniram-se a eles e então não pude mais controlar seus desejos de vingança. Não sei como, meu povo tornou-se cada vez mais armado, mas mesmo assim, consegui mantê-los afastados de muitas cidades de brancos. Graças às minhas feições, o pastor disse a todos que eu era uma sobrinha, chegada do Este. Somente ele e a esposa além do casal Pagge, sabiam realmente quem eu era. Em casa do pastor, tenho guardada uma boa quantidade de ouro trazida pelos meus, a fim de que vivesse como uma rainha e preparasse a rebelião com que tanto sonham, Agora preciso vê-los para censurá-los seu procedimento e confessar que vou casar-me com você.

– Deve agir com a máxima prudência. É melhor não dizer nada por ora.

– Preciso fazê-lo.

– Faça-o um pouco depois – Insistiu Rod.

– Os ânimos agora não aceitariam a idéia de bom grado.

– E aquele seu amigo?

– Não se preocupe. Nada lhe acontecerá e todos já sabem que é um sargento da Real Polícia Montada do Canadá.

– Mas, nas jazidas recém-descobertas, existem homens que o odeiam. Certamente era de lá que meus irmãos traziam-me o ouro de que falei e talvez por isso tivessem praticado a matança. Naturalmente seu ódio racial aumentou com o que eles consideram um novo roubo.

Sem deixar de vigiar a planície, Rod preparou o local em que os dois descansariam.

CAPÍTULO XII

Quando Alan soube o que houvera, bem como a reação dos mineiros e cidadãos, de Havre partiu para a casa do pastor, sabendo então da partida dos jovens em direção à cabana de Rod.

Muito preocupado com os fugitivos, o pastor aguardava o regresso dos perseguidores, a fim de saber o resultado.

Não querendo perder mais tempo, Alan selou o cavalo de Débora e deixou a cidade.

As vítimas haviam sido três faiscadores que tiveram mais sorte em suas parcelas e a mulher do pastor consolou seus familiares, todos de Havre.

— Não compreendo por que desejam vingar-se numa jovem inocente — protestava a mulher ante os parentes das vítimas. — Não podem responsabilizá-la por coisa alguma.

Todos concordavam, mas a verdade é que haviam partido com intentos assassinos.

Na cidade, o pastor repetia a mesma coisa.

– Foi obra de Rogers e Sanders – disse um.

– Quem são? Não os conheço – exclamou o pastor.

– São novos aqui! – replicou o que falara.
– Sem dúvida vieram do Canadá, pois seu sotaque é inconfundível.

– Logo uns desconhecidos haveriam de culpar essa jovem – disse o pastor. – Não compreendo é que todos quantos conhecem Débora, fizessem o jogo deles.

– Ninguém sabia que era índia... e isso os surpreendeu ... Certamente vivia a espionar-nos.

– Não – protestou o pastor. – Tomou amizade a nós e preocupava-se em conter seu povo. Há muito e muito tempo não há a menor rebelião de ódio. Débora conseguia convencê-los aos poucos.

– Mas hoje mataram e roubaram.

– Isso é que não compreendo. Eles não têm necessidade de roubar o ouro de ninguém. Sabem onde existe e não têm dificuldade em extraí-lo. É muito estranho! Talvez os autores dessas mortes e roubos não tenham sido os índios.

Tais palavras provocaram a natural emoção nos que ouviam principalmente os familiares femininos das vítimas.

Dentro em pouco, os comentários dominantes em Havre eram sobre as palavras do pastor.

O xerife, que não quisera perseguir Débora, dizia no bar:

– Talvez o pastor esteja certo. É muito estranho que os índios matassem para roubar: tirar o couro cabeludo é tarefa que qualquer um pode fazer... desde que não tenha entranhas.

– Ora! Bobagens do pastor – replicaram.

– Vieram apenas vingar o susto levado pelo índio que quisemos enforcar – disse outro.

– Aquele índio perambulava pronto para roubar cavalos. E são ladrões por temperamento – acrescentou o "barman". – Se não quisermos continuar nesta inquietação, é preciso dar-lhes um castigo exemplar.

– O xerife é que deveria ter ido atrás dessa moça O xerife olhou fixamente para quem falara e disse:

– Eu não o conheço, logo, você não é daqui. Por isso fala desse modo. Índia ou não, Débora é uma excelente jovem e todos nós a estimávamos. Não foi a autora das mortes. Por que então castigá-la?

– Porque é preciso exterminar inteiramente os índios. Provocaram muitas mortes, no caso de Custer. Esqueceu-se, xerife?

– Olhe rapaz, não sei quem é você nem o que pretende, mas fique sabendo que não gostei de suas palavras.

– Para cá têm vindo muitos que não o escolheram como xerife, portanto, não vejo por que obedecê-lo.

– Péssima opinião à minha frente – grunhiu o xerife. – Aqui todos me obedecerão enquanto usar este distintivo. Na mina podem fazer o que quiserem, mas chegando a Havre são obrigados a respeitar-me.

Muitos cavaleiros que tinham ido em perseguição a Débora e Rod voltavam, comentando:

– Ninguém pode alcançá-los. Aqueles cavalos voam.

– Além disso... eu não estava tão convencido a castigar uma pessoa que não cometeu o crime.

– Então, por que foi conosco?

– Não sei. Talvez um pouco confuso pelo falatório de Rogers e Sanders.

E assim continuaram discutindo.

As horas passaram e os últimos perseguidores retornaram à cidade.

Rogers e Sanders souberam explorar o efeito do álcool e assim levaram um grupo de bêbados à casa do pastor, tão logo souberam o que ele andara comentando. Acusando-os de auxílio aos fugitivos, enforcaram o pastor e sua esposa.

Cometida tal monstruosidade sob a proteção da noite, voltaram para a mina.

Na manhã seguinte, o espetáculo dos corpos pendurados das duas mais estimadas pessoas em Havre irritou o xerife, fazendo-o partir para a mina à procura de Rogers e Sanders; mas os dois tinham desaparecido sem deixar rastro.

O ouro pertencente a Débora e encontrado pelos vermes, aconselhou-os a fugir, sem esperar que os embriagados reagissem.

* * *

Antes de ir para a cabana de Rod, Débora preferiu visitar seu povo, para dizer-lhe como ficara desgostosa.

Impediu Rod de acompanhá-la, temendo que também o matassem.

Convocou seus irmãos por meio de sinais de fumaça.

Quando voltou para junto de Rod, dois dias mais tarde, explicou:

– Não foram meus irmãos. Eles não mataram os mineiros.

Por ter pensado muito no caso durante a fuga, Rod admitiu suas declarações sem reservas.

– Também acho – disse. – Mas não compreendo quem teria interesse em prejudicá-la.

– Querem exterminar-nos – disse Débora. Em silêncio, Rod caminhou em direção à cabana. Em troca, Débora não cessava de comentar, expondo o caráter rebelde, forjado pelas circunstâncias que atravessara.

– E essas não serão as primeiras vítimas – acrescento. – Haverá mais e os meus sempre serão acusados. Não é justo!

– Acalme-se. Talvez não seja assim.

– Sempre que querem roubar os mineiros, costumam matá-los para em seguida arrancar-lhes o couro cabeludo, com o que, todos os demais instantaneamente admitem ser obra nossa.

Rod pensava como ela, embora tentasse convencê-la do contrário, mas ela, que não era tola, não se deixava convencer.

Em seguida falaram sobre seu amor e ela sugeriu que, passados alguns dias, voltassem a Havre durante a noite, a fim de serem casados pelo pastor.

Rod não fez objeção, mas tampouco declarou-se do acordo.

Se pretendia opor-se, teria tempo para isso.

Voltou a ser o mesmo homem que merecera o qualificativo de "o Taciturno".

Chegaram à cabana e encontraram uma nota de Alan, colocada no lugar mais visível e que dizia:

– "Rod! Estou preocupado com vocês. Vou até Chinook, na esperança de que tenham ido

primeiro para lá. Passarei novamente por aqui, antes de regressar a Havre”.

– Iremos à sua procura – disse Débora.

Rod ficou em silêncio, mergulhado em seus pensamentos.

Por fim exclamou:

– Será melhor esperarmos aqui.

– Isso seria deixá-lo na incerteza de que nos tivesse acontecido alguma desgraça.

Rod reconheceu a justiça de suas palavras e, em silêncio, preparou os cavalos que deixara no lugar costumeiro.

– Além disso, precisa conversar com Pagge sobre seus projetos – acrescentou ela. – Todo o meu povo poderá vender as peles a vocês.

Isso significava uma excelente oportunidade e Rod lhe disse, sorrindo:

– Você está presente a tudo, menina. Obrigado por sua lembrança. Assim, será difícil lutarem contra nós. Nesta comarca seremos nós a

impor preços e leis. Venderemos em Saint-Louis mais barato que os outros e os caçadores ganharão muito mais. Pouco a pouco, seus irmãos se irão acostumando à civilização, compreendendo finalmente que não há motivos para lutas que isso seria suicídio. Isso é tarefa para você. Deverá inculcar-lhes a idéia de abandonar seus projetos de revolta, pois nada lhes acontecerá. Acabam-se misturando-se conosco.

— É isso o que desejo de todo o coração, mas temo que não se concretize. Continuarão cometendo crimes como esses e acusando meu povo, perseguindo-o como coiotes.

Em silêncio, Rod refletia em que as palavras de Débora eram inteiramente certas.

Sem deixar de vigiar atentamente, esperando encontrar Alan, partiram para Chinook onde foram recebidos pelo feitor com demonstrações de grande alegria.

Perguntaram por Alan.

— Deve andar pela cidade e já desejando voltar a Havre se não recebesse notícias de vocês — respondeu Pagge. — Vai até à casa de Staford, à praça e desta para cá. Parece estar procurando alguém, isto é, vocês.

Rod sorria, verificando o espírito de observação de Pagge.

— Fique aqui — recomendou a Débora. — Vou buscá-lo.

Rod saiu, entrando no estabelecimento de Staford, só foi percebido por ele, distraído no momento, quando pediu um uísque.

Muito pálido Staford atendeu a Rod sem cumprimentá-lo ou dizer coisa alguma.

— Não viu meu amigo por aqui? — perguntou.

— Saiu há pouco — respondeu Staford, querendo agradá-lo.

Bebeu o uísque e saiu em seguida.

Andou pela praça e já voltava para a casa de Pagge, quando deparou Alan que vinha ao seu encontro.

Os dois amigos abraçaram-se e Rod contou-lhe o sucedido.

– Folgo em saber que você não precisou matar ninguém – disse Alan.

– Aquilo não foi obra dos índios – respondeu Rod.

– Já o soube por Débora. Devia ter pensado que os fatos não traziam os indícios deles.

– Não havia tempo para pensar, precisava salvar Débora...

– Compreendo.

Nesse momento, a diligência aparecia com seu reboliço peculiar e dirigia-se para a praça.

De uma das janelas, Lucy saudou os dois amigos.

– Não compreendo – exclamou Alan satisfeito. – Tinha partido para o Este...

– . Certamente arrependeram-se.

– Mas seu pai não vem nesta diligência.

Os dois correram para a porta.

– Vim sem bagagem – disse, apertando as duas mãos de Alan. – Escapuli de meu pai.

– Não deveria ter feito isto! – protestou Alan.

– Deixei-lhe uma nota, explicando os motivos. Estou certa de que compreenderá e saberá perdoar-me. De outro modo você voltaria para o Canadá e nunca mais nos veríamos.

– Vou ficar aqui. Escreverei pedindo minha demissão da Policia Montada.

– Não é preciso. Poderemos casar e partir, caso não queira substituir meu pai na Companhia peleteira.

Alan sorriu para Rod e, encolhendo os ombros, comentou:

– Teremos tempo para conversar sobre isso.

Deu o braço aos dois jovens e partiram os três para a casa de Pagge.

Débora viu-os entrar e franziu o cenho.

— Não deve ficar aborrecida comigo — disse Lucy. — Amo Alan tanto quanto você a Rod e espero que sejamos boas amigas como eles o são. Gostaria de passar uma temporada caçando na montanha, mas quando chegarem os filhos...

Débora finalmente sorriu, exclamando:

— Estou certa de que seremos boas amigas, embora você seja uma elegante e caprichosa jovem do Este. Nós quatro poderemos casar-nos em Havre. O pastor não achará inconveniente.

Minutos depois, com grande satisfação para eles as duas jovens tagarelavam como se fossem velhas e boas amigas.

— Já mandei avisar — interveio Pagge — para que os caçadores venham a mim. Como Stafford, pagarei o melhor preço.

No dia seguinte, Pagge não sabia como dar a notícia aos amigos; acabara de saber o que acontecera em Havre.

Os quatro jovens passeavam pelas redondezas e a notícia foi trazida pela diligência recém-chegada.

Pagge sabia que logo estariam a par da triste nova, pois o comentário em Chinook era geral.

O pior é que os ânimos ainda estavam levantados contra Débora e o fato seria habilmente explorado por Staford com seus amigos, os quais, por sua vez, incitariam os vaqueiros.

O ódio contra os índios não se extinguiu ainda.

Na memória de todos ainda era recente o episódio da Batalha do Pequeno Big Horn, onde Custer tombara com seu Sétimo de Cavalaria.

A descoberta da origem de Débora deixou a todos surpresos.

Da atalaia de seu balcão, Staford sabia semear o veneno contra Rod, acusando-o cautelosamente de espião a serviço dos índios..

Isto indicava que devia ser ele o responsável pelos acontecimentos verificados na mina de Havre.

Nesse dia chegou também uma caravana de carroções que recolhia as peles compradas por Staford e outros estabelecimentos.

Os condutores dessas carroças dedicavam-se a desprestigiar a Companhia da qual Pagge fora feitor durante anos.

Entraram no armazém da Companhia.

— Pagamos pelas peles um preço melhor que o seu. Talvez lhe seja interessante vendê-las para nós, em vez de entregá-las à Companhia.

— As que comprei por conta da Companhia, serão enviadas para ela. Agora vou comprar por conta própria e talvez seus preços sejam interessantes, não para vender-lhes, mas sim para comprar seu estoque.

À declaração de Pagge, os condutores entreolharam-se, espantados, sem compreender

bem aquilo. Pagge olhou para um dos condutores e disse:

– Já esteve aqui, não?

– É a primeira vez que venho – respondeu o condutor.

Pagge tornou a olhá-lo e acrescentou:

– Então, devo conhecê-lo de outro lugar, disso estou certo. Sou um bom fisionomista e acabarei recordando onde nos vimos, inclusive seu nome.

– Não precisa esforçar-se, dir-lhe-ei seu nome – interveio outro condutor. – É Hamilton. Peter Hamilton.

– Bem dizia eu que já o conhecia! Lembrome agora. Vimo-nos em Cheyenne. Você ia com Jules Blackíord.

– Nunca em minha vida conheci alguém com esse nome! – replicou o condutor visado.

Pagge encolheu os ombros, acrescentando:

– Se não quer confessar que esteve lá com Jules, isso é com você.

O condutor estendeu a mão por cima do balcão, agarrou Pagge pela camisa e repetiu em voz surda:

– Já disse que nunca conheci tal homem.

– Está bem, mas solte-me. Já sou muito velho para deixar-me assustar. Repito que pouco me importa se você não quer ou acha conveniente não recordar aqueles dias. Nunca me engano!

– Este velho dos infernos... Se não fosse tão idoso, falar-lhe-ia de outra maneira e...

– Não se preocupe, pode falar comigo o que for – declarou Rod, entrando naquele momento.

Surpreendidos, os condutores voltaram a cabeça.

Peter Hamilton largou Pagge e também olhou para o jovem.

Alan e as duas mulheres estavam às suas costas.

Alan fitou atentamente outro dos condutores e franziu o cenho.

Por sua vez, o condutor também o encarava curiosamente.

– Já disse – continuou Rod, dirigindo-se a Peter – que pode dizer-me e fazer comigo o que não pode contra Pagge, devido à sua idade.

– Discutia com ele e não com você.

– Mas é covardia agarrar um velho como você fez. Nunca foi chamado de covarde?

Imediatamente houve um silêncio que nada predizia de bom.

– Todos os que agiram assim, deixaram de existir – disse ele.

Rod sabia que tinha à frente um homem excessivamente perigoso.

Os olhos de Pagge brilharam intensamente e exclamou:

– Bem sabia que o nome de Peter Hamilton queria dizer algo para mim! Tome cuidado, Rod. Conheci-o como um bom pistoleiro... dos bons! Não foi em Cheynne que o conheci – disse a Peter. – Agora recordo perfeitamente. Foi

na pradaria. Vínhamos do Norte com uma caravana e você era um dos que nos roubaram, após juntar-se a nós, dias antes. Seus "Colts" trepidavam várias vezes, com trágica segurança. Seu nome então era Duncan. Isso, Duncan. Depois soubemos que estivera empregado na Companhia da Baía de Hudson, no Canadá.

Alan fitou-o com mais atenção.

Ouvira falar muito a respeito de Duncan, mas nunca o tinha visto.

Isto fê-lo perceber quem era o outro que examinava desde que chegara. Fora ladrão de peles no Norte e, acusado pela Polícia Montada, sumiu do Canadá.

— Não se preocupe, Pagge, pois ele agora não tem um novato à sua frente. Alegro-me em conhecer sua história, para depois que atirar nele não sentir remorsos. Odeio os covardes!

Duncan compreendeu que desta vez teria que agir com rapidez e pontaria firme. Seu ini-

migo em nada se parecia aos muitos que já enfrentara antes.

– Já lhe disse – repetiu Duncan, sem alterar a voz ou perder a calma – que todos os que me chamaram de covarde, morreram. Você não será exceção.

Para Lucy, tal linguagem e atitude eram uma surpresa, pois, do modo como falavam, ninguém diria que estavam prontos a matar-se.

– Desta vez, amigo cometeu o maior erro de sua vida. Insultou e sacudiu quem poderia ser seu pai e você não é mais criança.

– Não o reconheço mais, Peter! – exclamou o outro condutor que Alan observava.

– Não se apresse – replicou o mencionado. – Gosto de divertir-me com os fanfarrões e este é um deles. Posso matá-lo quando eu quiser.

Débora ficou com medo, mas conteve-se a um gesto de Alan que interveio para dizer:

– Também você andou pelo Norte. Não me conhece? O interrogado tornou a fitar Alan com curiosidade.

– Desde que entrou, procuro identificá-lo, mas não consigo. Imagino que não cometerá a mesma tolice que este outro.

– Meu nome é Alan Bowery – declarou Alan. O rosto do condutor cobriu-se de intensa palidez.

– O sargento Bowery! É verdade, agora o reconheço bem. Mas não usa o uniforme nem tem autoridade aqui. Foi expulso do Corpo?

– Não. Vim perseguindo um amigo seu. Refiro-me ao mestiço. Muller e Goldmist já morreram. Rod os matou, mas quanto a você, a tarefa é minha. Não sabia que Montana era o refúgio de tantos vermes que fogem do Canadá todos os anos.

Pagge fitava Alan, surpreso.

Pensando que chegara o momento de surpreender Rod, Peter Duncan foi às armas rapidamente.

Contudo Alan vigiava os dois e espantou Rod com a extraordinária rapidez demonstrada para matar os dois.

Os outros condutores recuaram, muito assustados e Pagge disse quem eram.

— Por conta de quem compram as peles? — perguntou Rod. — Falem depressa, porque estou procurando motivos para atirar.

— É um conselheiro da Companhia de Saint-Louis — respondeu um deles.

Intrigada, Lucy olhou para Rod.

— Seu nome — exigiu ele.

— John Gordon. Não atua diretamente conosco, mas sei que é ele — acrescentou o condutor. — Vamos encontrá-lo em Havre dentro de duas semanas.

— Está esclarecido então porque se opunha a que eu elevasse os preços de compra — disse Pagge.

— Que canalha! — comentou Lucy.

O xerife acudiu minutos mais tarde, para encarregar-se dos corpos dos dois pistoleiros e das carroças de peles.

Pagge informaria o que acontecera à Companhia.

CAPÍTULO XIII

Quando todos estavam mais calmos, os condutores fizeram uma declaração em regra, a qual assinaram ante testemunhas.

Lucy a levaria para Saint-Louis quando partisse, mas isso não alteraria os projetos formados pelos jovens, quando à formação de sua Sociedade Peleteira.

À noite, Pagge disse a Débora:

— Não queria dizer-lhe, mas observe a atitude dos vaqueiros. Olham-na com ódio. Chegaram notícias de Havre e têm medo por sua causa. Se ainda não começaram a agir é porque estão assustados com os acontecimentos. Sabem que manejam as armas como poucos. E, se saíssem daqui sem você, como diziam, eu seria impotente para contê-los. Pobre pastor e sua esposa!

— Fale! Por que diz "pobre pastor"? — perguntou Rod.

— Porque enforcaram os dois ao ocultarem que Débora é índia e em represália às mortes na mina.

— Covardes! Assassinos! — . Gritou Rod. — Vou para lá!

— Espere — disse Débora. — Vou acompanhá-lo. Fique certo de que se arrependerão. Em Havre não restará uma casa de pé. São todos uns covardes, por permitir tamanho crime.

Débora correu para à porta e, como tinham ali os dois cavalos, saltou sobre o de Rod, que era o mais rápido e forte dos dois.

Ouviram seu galopar do interior da feitoria.

— Se não alcanço essa louca, os índios devastarão Havre.

— Vamos diretamente para lá — disse a Alan. — Ela primeiro terá que avisar aos índios e, enquanto isso, teremos tempo suficiente para evacuar a cidade.

Isso era o mais lógico.

Lucy ficou com Pagge. Pelo caminho, Rod dizia:

– Não sei se, em sua justa dor, Débora percebe que existem em Havre mulheres e crianças que não são culpadas do que aconteceu.

– Ela pensa apenas em seus amigos. Devia estimá-los como verdadeiros pais. Precisamos chegar antes que os índios.

– Chegaremos!

A seguir, galoparam em silêncio e não deram descanso aos animais.

Uma vez em Havre, visitaram o xerife.

– Não pude evitá-lo – queixava-se a autoridade. – Os autores foram Rogers e Sanders.

– Que fez depois para castigá-los? – perguntou Rod.

– Bem... nada... Aqueles dois... são... pistoleiros.

– Não passa de um odioso covarde, xerife!

– gritou Rod.

– Acalme-se, rapaz – interveio Alan.

– Não posso controlar-me, Alan. A covardia das autoridades permite que os homens sem escrúpulos possam impor sua imunda lei. Quantas atrocidades seriam evitadas, se esta cidade não tivesse um xerife tão covarde como este!

O xerife estava assustado.

– Vocês não sabem o que são certos homens...

– Não continue xerife. Reconheço que Rod tem razão. A mesma coisa acontece no Canadá.

– Se todos esses covardes fossem enforcados como tais os demais aprenderiam a fazer-se respeitar. Contudo, preferem usar os distintivos para...

– Não percamos tempo, Rod. Precisamos retirar pelo menos as mulheres e as crianças. Seria melhor que todos abandonassem a cidade.

Tais palavras recordaram a Rod a finalidade de sua vinda.

— Tem razão. Xerife, onde estão os dois — Sanders e Rogers?

— Na mina. Substituíram Muller e Goldmist e agora são eles que ditam seus caprichos aos outros. Cercaram-se de um grupo de homens da sua laia. O que você pretende é suicídio. Não vá!

— Não sou covarde como você, xerife. Assassinararam duas inocentes pessoas, cujo único delito foi serem boas demais. Você e o xerife, Alan, podem encarregar-se de evacuar a cidade.

— Espere. Irei com você à mina.

Rod não pôde convencer Alan a ficar em Havre.

Marcharam os dois para a mina, onde existia um bom número de cabanas.

Foram construídas, mais para conservar as reservas de ouro que propriamente como moradia, principalmente neste tempo.

Durante o inverno iriam para Havre, já que era impossível trabalhar em tão baixa temperatura, sob neve e gelo.

Na primeira parcela de terreno que encontraram, Rod perguntou por Sanders e Rogers.

Informaram onde podiam ser encontrados.

Na cabana indicada, avistaram um grande cartaz com títulos pintados, dizendo:

"Comissário do ouro — xerife". "Gold Commissioner — Sheriff".

— Que cínicos! — exclamou Rod em voz alta. Empurrou à porta e entrou.

Um homem, escrevendo sentado a uma mesa, ficou a fitá-los.

— Isso não é maneira de entrarem aqui — disse, grunhindo.

— Quem é Rogers ou Sanders? — perguntou Rod, sem dar-lhe a menor importância.

— Não estão aqui. Andam pela mina — respondeu o homem.

– Onde estão os que elegeram essas duas autoridades para o lugar?

Mais sério o homem levantou-se, enquanto apareciam outros que tinham ouvido Rod falar.

– Se vem registrar uma parcela, pode fazê-lo sem precisar falar tanto – replicou o escrevente.

– Quem enforcou o pastor de Havre? Vocês estiveram lá, segundo julgo, não? – continuou a dizer.

– Era um protetor e espião dos índios.

Rod agarrou-se ao balaústre de madeira que separava a mesa do escrevente do resto da sala e, com os pés, atingiu o homem, que falara, em pleno rosto.

O terrível impacto quase lhe rebenta o rosto e ele caiu sem sentidos, banhado em sangue.

– Porco sujo e mentiroso!

Os outros quiseram usar as armas, mas Alan os cobriu com a sua, dizendo.

– Levantem as mãos! Depressa! Os dois obedeceram mecanicamente.

– Não quero metê-lo nisso, Alan – falou Rod. – Vou começar a ir pendurando os covardes.

– Precisa recuperar a calma.

– Não insista, Alan. É melhor deixar-me sozinho, pois terminaria fazendo o mesmo com você. Agora compreendo porque os índios não querem submeter-se. Têm razão! Nós representamos a barbárie, nunca a civilização, como lhes dizemos.

Pegou umas cordas que viu ali dentro e fez duas laçadas.

Os que estavam de mãos para cima compreenderam que aquelas gravatas de cânhamo eram endereçadas a seus pescoços.

O aspecto de Rod era aterrador.

Olharam para Alan, como que pedindo auxílio.

– Nós não intervimos na morte do pastor
– disse um deles. – Estávamos aqui. Foi tudo obra de Rogers e Sanders.

O homem caído ao solo moveu-se, Rod deu-lhe um terrível pontapé na boca.

– Está louco – disse Alan.

– Já lhe disse que não se meta nisto. Deixe-me só. Há anos que sou encurralado cruelmente e para não continuar matando, refugiei-me nas montanhas. Senti medo de mim mesmo e cheguei a julgar-me verdadeiramente mau. Os livros consolaram-me... mas como vê... o mau não sou eu. É o mundo que nos cerca. Dois bondosíssimos velhos foram enforcados para encobrir os crimes destes covardes! Mataram para roubar, Alan. E estes aqui são seus ajudantes, os cúmplices daqueles assassinos. Atiraram a culpa no índios e assassinaram o pobres velhos.

Alan temia que Rod tivesse perdido o juízo, mas era forçado a reconhecer a verdade de suas palavras.

Certos de que seriam enforcados, os dois desceram as mãos, aproveitando o fato de Alan ter recolhido suas armas.

Contudo, Rod não se tinha descuidado.

– Está bem é um trabalho de menos – disse, atirando sobre os dois que já empunhavam as armas.

As cabanas não ficavam muito juntas, motivo porque os tiros não foram ouvidos ou não se quisesse dar-lhes atenção.

– Agora, esperemos – disse Rod. – Os que mais interessam não tardarão a chegar.

Chegou à porta e olhou para todos os lados. Apoiou-se ao batente, de onde podia vigiar o homem caído no interior e os que se aproximassem.

Com razão, pois logo apareciam Sanders e Rogers.

Sobre o peito de cada um, exibia-se o distintivo dos cargos criados por eles, e para eles mesmos. Que espera aqui, rapaz?

– Vim para conversarmos sobre certo crime cometido em Havre e cometido por Sanders e Rogers. Conhecem esses dois covardes?

Os dois ficaram espantados com aquela linguagem e não sabiam raciocinar.

Alan estava sentado no interior. Ouvindo vozes, levantou-se e saiu:

– Ora...! – exclamou. – Vejo que todos esses covardes são meus velhos conhecidos!

– O sargento Bowery! – exclamou Sanders.

– Cuidado, Alan – disse Rod. – São meus! Rogers compreendeu que Rod não brincava e tentou agir com rapidez, o que evitou ao rapaz o trabalho de dizer-lhes tudo o que pensava, antes de matá-los.

Em silêncio, Alan cavalgava a seu lado, no regresso à cidade.

O xerife tinha agido e uma caravana afastava-se dali.

– Os soldados! Os soldados! – gritavam os meninos, quando Alan e Rod conversavam com o xerife em seu gabinete.

Saíram para verificar a razão dos gritos. Era verdade.

Uma companhia de cavalaria desmontava neste momento, diante do xerifado.

O tenente aproximou-se.

– Olá, xerife! Viemos porque soubemos que os índios rebeldes estão por estas montanhas. Uma jovem fez-lhes sinais de fumaça.

– Quem lhe disse isso, tenente? – perguntou Rod.

– Um homem que viajava com ela.

– O mestiço! – gritou Alan. – Onde está ele? Sou o sargento Bowery, da Polícia Montada, tenente, e cruzei a fronteira rastreando aquele assassino.

Alan falou durante algum tempo e mostrou seus documentos ao tenente.

Foram surpreendidos pela entrada de Toison com um sargento.

Vendo Alan o mestiço ficou petrificado.

— Entre, covarde, assassino, entre — convidou Alan. Sem dúvida, o mestiço sabia o que o aguardava. Por isso, sua resposta foi ir às armas com rapidez.

Graças a Rod, cuja mão era mais veloz, Alan pôde livrar-se de boa.

Os índios! Os índios! — gritaram na rua.

Rod e Alan saíram com os militares que, imediatamente, aprontaram-se para a defesa.

— É melhor bater em retirada tenente — disse Rod. — São bem mais numerosos e sacrificaria seus homens inutilmente. É preferível fugir, pois querem apenas arrasar a cidade e castigar os mineiros.

Contou-lhe os fatos havidos anteriormente, mas o tenente não concordou.

A luta foi terrível. Os soldados finalmente foram obrigados a fugir, deixando muitos cadá-

veres. Também os índios sofreram um grande número de baixas.

Rod chorava como criança.

Entre as vítimas estava Débora; mas não morrera.

Passaram-se dois anos.

John Gordon foi morto em Havre, sendo surpreendido à entrada da cidade pela incursão dos índios.

Débora ficou boa e casou-se com Rod.

Lucy casou-se com Alan o qual abandonou seu posto na Polícia Montada e passou a tomar parte na companhia fundada por Rod e Pagge contribuindo com uma importante quantia, graças à qual a incipiente firma pôde iniciar seu desenvolvimento.

Rod nunca recordou seu passado, nem disse a Débora se tinha ou não parentes.

Os índios passaram para o Canadá e Débora lembrava-se sempre deles com infinita amizade.

Fim